

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

ANTÔNIO MARCUS LIMA FIGUEIREDO

**DE ILHÉUS PARA O MUNDO: o discurso sobre o patrimônio histórico de Ilhéus
em sites de turismo.**

**ILHÉUS - BAHIA
2006**

ANTÔNIO MARCUS LIMA FIGUEIREDO

**DE ILHÉUS PARA O MUNDO: o discurso sobre o patrimônio histórico de Ilhéus
em sites de turismo.**

Dissertação apresentada para obtenção
do título de mestre em Cultura e Turismo,
à Universidade Estadual de Santa
Cruz/Universidade Federal da Bahia.

Área de concentração: Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Odilon Pinto de
Mesquita Filho

ILHÉUS – BAHIA
2006

Figueiredo, Antônio Marcus Lima

De Ilhéus para o mundo: o discurso sobre o patrimônio histórico de Ilhéus em sites de turismo./ Antônio Marcus Lima Figueiredo. Ilhéus (BA): UESC/UFBA, 2006.

vii, 106 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Cruz/ Universidade Federal da Bahia.

Bibliografia

1. Discurso 2. Patrimônio 3. Turismo 4. Comunicação

ANTÔNIO MARCUS LIMA FIGUEIREDO

**DE ILHÉUS PARA O MUNDO: o discurso sobre o patrimônio histórico de Ilhéus
em sites de turismo.**

Ilhéus - Ba, 23/09/2005

Dr. Odilon Pinto de Mesquita Filho
UESC
(Orientador)

Dr. Gustavo Pereira da Cruz
Centro Universitário Positivo

Dr^a. Sandra Sacramento
UESC

DEDICATÓRIA

A Karen, com amor, por toda a paciência e compreensão nos momentos mais difíceis, e todo amor e carinho nos momentos de descanso.

A Theo, meu guri.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me passado os bons valores que me orientam em cada atividade que participo;

A minha mulher linda, que tanto me ajudou a superar dificuldades, preguiças e desleixos;

A meu filho Theo, que mesmo sem saber de nada, foi um dos grandes motivadores desse trabalho. Ele me faz sonhar e lutar por um futuro melhor, tanto individual como coletivamente, e esse trabalho é também fruto desta luta;

Aos meus colegas, que compartilharam angústias e traumas gerados pelo mestrado.

Aos professores do Mestrado, pelos textos abordados, discussões organizadas, críticas proferidas;

E a todos aqueles que direta ou indiretamente participaram do processo que termina com a entrega deste trabalho.

DE ILHÉUS PARA O MUNDO: O DISCURSO SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE ILHÉUS EM SITES DE TURISMO

RESUMO

A presente dissertação analisa aspectos dos discursos sobre o Patrimônio Histórico e Cultural de Ilhéus em *sites* de turismo. Com o intuito de compreender os processos de construção de sentido operados nesses discursos, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa como dispositivo teórico. Desse modo, analisamos os enunciados levando em consideração suas condições de produção, tanto históricas quanto imediatas. Foram identificadas duas Formações Discursivas pertencentes à Formação Ideológica relativa ao patrimônio de Ilhéus, categorizadas como *Formação amadiana* e *Formação não-amadiana*. Da relação estabelecida entre elas, foi possível observar o sentido de mercadoria que perpassa por todos os elementos apontados como Patrimônio do município. As relações de poder estabelecidas podem ser percebidas através dos critérios de valorização e dos silêncios presentes nos discursos. As duas formações discursivas analisadas mantêm uma relação de aliança no silenciamento de períodos históricos anteriores à cultura do cacau, bem como dos atores sociais que participaram da formação de Ilhéus, corroborando com uma versão histórica limitada do município. Essa versão prioriza a história do município a partir da cultura do cacau, importante período da história regional, mas não o único.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Patrimônio; Ilhéus; internet; turismo

DE ILHÉUS PARA O MUNDO: O DISCURSO SOBRE O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE ILHÉUS EM SITES DE TURISMO

ABSTRACT

The present dissertation analyzes aspects of the speeches on the Historic site and Cultural of Ilhéus in sites of tourism. With intention to understand the processes of sense construction operated in the present speeches in the sites, we use the french view of the Discourse Analyses as a theoretical device. For that, we analyzed the statements taking in your consideration production conditions, being them historical and immediate. Two pertaining discursive Formations had been identified to relative the Ideological Formation to the patrimony of Ilhéus, categorized as *amadian* Formation and *non-amadian* Formation. Of the relation established between them, it was possible to observe the merchandise direction that passed through all the pointed elements as Patrimony of the city. The relations of being able established can be perceived through the criteria of valuation and silence gifts in the speeches. The two analyzed discursive formations keep a relation of alliance in the silence several of previous historical periods to the culture of the cacao, as well as of the social actors who had participated of the formation of Ilhéus, corroborating with an limited historical version of the city. This version prioritizes the history of the city from the culture of the cacao, important period of regional history, but not only it.

Key-words: Discourse Analyses; Patrimony; Ilhéus; Internet; tourism

SUMÁRIO

Resumo	vi
Abstract	vii
1. INTRODUÇÃO	09
1.1 Dispositivo Teórico	14
1.2 Dispositivo Analítico	20
2. CORPUS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS	28
2.1 FD Amadiana	48
2.2 FD Não-Amadiana	51
3. O DISCURSO TURÍSTICO SOBRE O PATRIMÔNIO	66
3.1 A publicidade turística na internet: uma questão de gênero	67
3.2 A incidência das FDs no gênero e a hegemonia Amadiana	81
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	99

1. INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma época de profundas alterações. O acelerar dos processos sociais e econômicos, associado ao desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte de massas, juntamente com o crescimento das cidades, o êxodo rural e os grandes fluxos populacionais transnacionais, conduziram a um redimensionamento do mundo, em que espaço e tempo deixam de se configurar como empecilhos na organização das atividades humanas (GIDDENS, 1991). O fenômeno que ficou conhecido como globalização aproxima lugares e povos, torna as localidades interdependentes no desenvolvimento de atividades industriais, comerciais e de lazer.

Nessa conjuntura, os indivíduos libertaram-se dos constrangimentos espaciais e temporais e o ser humano experimenta a mobilidade e interconexão generalizada. Não é por acaso que o surgimento do turismo de massa é contemporâneo à expansão e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Meios de transporte e de comunicação exercem papéis fundamentais e complementares numa sociedade globalizada. O olhar chega primeiro ao destino, cativa o deslocamento do corpo.

O interesse do presente estudo se encontra na confluência dos campos da cultura e do turismo. O objetivo principal é analisar alguns aspectos do Discurso

sobre o Patrimônio Histórico e Cultural do município de Ilhéus veiculados em *sites* de turismo.

Embora tenha origem na Capitania de São Jorge dos Ilhéus, doada em 1534 por Dom João III a Jorge Figueiredo Correia, Ilhéus, que está localizada na região sul da Bahia, ficou conhecida como costa do cacau. Essa é uma referência à monocultura que proporcionou uma onda de desenvolvimento nos séculos XIX e XX para a região. Hoje, “na perspectiva do planejamento no nível estadual, Ilhéus é o destino âncora da *costa do cacau*, produto turístico que engloba, no sul do estado, os municípios de Canavieiras, Ilhéus, Itacaré, Una, Uruçuca, Santa Luzia e Itabuna.” (PINTO, 2005, p.190). O setor turístico de Ilhéus tenta se valer de suas belezas naturais, de sua cultura e da sua história na promoção do turismo. O potencial turístico da cidade já foi apontado por alguns pesquisadores, tais como Barroco(1998), Menezes(2004) e Souza(2002). O turismo cultural tem recebido investimentos por parte dos governos municipais, que no final da década de noventa criaram os circuitos culturais no centro histórico de Ilhéus. Esses investimentos não são somente financeiros, são também simbólicos pois legitimam visões de mundo através da escolha e valorização de objetos.

A valorização de objetos a título de Patrimônio, operada por agentes públicos e privados, estão ligados à interesses e finalidades específicas. Na presente dissertação, na qual buscamos compreender os sentidos que são formados no discurso sobre o Patrimônio de Ilhéus em *sites* de turismo, embora utilizemos a Análise do Discurso como dispositivo teórico, o estudo foi um exercício interdisciplinar. Do campo da cultura, interessa-nos entender a formação de Patrimônios Históricos e Culturais presentes na sociedade, tendo em vista que o turismo é um dos principais motivadores dos processos de valorização patrimonial

nos dias atuais. O foco do estudo, fruto da escolha pessoal do analista, recai sobre as manifestações encontradas na Internet, um sistema congregado de mídias que vem se expandindo e influenciando diversos setores da sociedade. Por sua vez, a forma da abordagem recai sobre uma perspectiva discursiva da linguagem.

Ao se caracterizar como um fenômeno que supõe o deslocamento de pessoas e a formação de uma complexa rede de relações sociais, o turismo presume a presença de diversas formas de comunicação. Do ponto de vista estritamente econômico, a atividade turística recorre frequentemente a recursos comunicacionais para estabelecer contato entre a oferta e a procura, ao influenciar e conduzir o potencial turista ao “consumo” do produto gerado, que se concretiza com o deslocamento efetivo.

Entretanto, a comunicação turística deve ser entendida tanto na sua dimensão funcional, como também nas complexas relações simbólicas que envolvem a atividade. Em um sentido mais amplo, a comunicação pode se ver presente desde as imagens produzidas sobre locais e povos, nas trocas simbólicas entre visitantes e visitados, na construção de locais desterritorializados através de signos globalizados dentre outras abordagens possíveis. A presente dissertação trabalha com a instância discursiva da comunicação.

Ao nos reportarmos à idéia de Discurso, temos em consequência uma forma específica de conceber a linguagem e analisá-la. Diferentemente de outras abordagens dos estudos da linguagem, preocupadas com normas e conteúdos, a Análise do Discurso busca compreender os processos de formação de sentido dos enunciados. Isso significa dizer que, ao trabalharmos com essa perspectiva, temos como ponto de partida a linguagem sendo usada, posta em prática.

Em tal abordagem, utilizamos a Análise do Discurso da linha francesa, (AD daqui para frente) não por esta conter um manual de técnicas a serem aplicadas, com as quais os resultados viriam naturalmente. Ao invés disso, tal campo disciplinar oferece alguns conceitos e pressupostos que orientam e caracterizam certa forma de abordagem da linguagem. O que a delimita é a forma específica com que se relaciona com os textos, estes entendidos em sua dimensão mais ampla, como sendo qualquer conjunto de signos que possam ser lidos. A AD relaciona-se com os textos produzidos no quadro das instituições que restringem fortemente a enunciação. Esses delimitam um espaço próprio dentro de um interdiscurso limitado, nos quais cristalizam conflitos históricos e sociais (MAINGUENEAU, 1993).

Para o turismo, enquanto campo de conhecimento, tal abordagem significa a ampliação do leque de estudos ligados ao fenômeno, inserido numa perspectiva crítica. Significa também conceber o turismo como um campo discursivo. A idéia de campo discursivo está atrelada a de universo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura. Nesse universo, o analista identifica campos discursivos que são constituídos por formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. Aqui se considera o turismo como um campo discursivo, no qual selecionamos um subcampo, denominado como um espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1997, p.116).

O espaço discursivo em questão é relativo ao discurso sobre o Patrimônio histórico de Ilhéus presente em *sítes* de turismo, onde buscamos compreender o funcionamento desse discurso. A AD aplicada aos estudos turísticos faz sentido na

medida em que podemos compreender como os discursos produzidos no âmbito do turismo contribuem para produção de significados e sentidos.

O que está em questão com a AD é a constituição de sentido, abordagem da linguagem que ultrapassa a interpretação, colocando-a em questão, trabalhando em seus limites, ou seja, trabalha os mecanismos de interpretação como processos de significação. Orlandi(2003), ao afirmar que a AD busca a compreensão de como o objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos, diferencia compreensão, inteligibilidade e interpretação. Enquanto a inteligibilidade refere sentido à língua, bastando ter o domínio do código para que o enunciado seja inteligível, a interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. Compreender, por sua vez, ultrapassa essas instâncias:

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso a um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 2003, p.26.)

Não se busca, dessa maneira, um sentido verdadeiro aos enunciados como se existisse uma verdade oculta atrás do texto. A AD oferece um dispositivo teórico para se operar uma nova forma de leitura, a discursiva. Esse dispositivo teórico é constituído pelos princípios gerais da AD, com seus conceitos e métodos. Após a compreensão do processo discursivo, é necessário que se constitua um dispositivo analítico, que depende da questão posta para análise, a natureza do material analisado e a finalidade da pesquisa(ORLANDI, 2003). Em outras palavras, o dispositivo analítico vai ser formado por conceitos oriundos das disciplinas em que se apóia o analista na compreensão do problema por ele proposto, o que vai variar de pesquisa para pesquisa e de pesquisador para pesquisador.

1.1 Dispositivo Teórico

Embora a AD seja um estudo da linguagem, ela não se utiliza das mesmas unidades com que trabalha a lingüística. Enquanto a lingüística trabalha com o texto como uma unidade formal, acabada, a AD irá concebê-lo como uma unidade pragmática e histórica, na qual os elementos dos contextos sócio-históricos e imediatos, ou seja, suas condições de produção, participam do processo de significação. Desse ponto de vista, um texto isolado não interessa a AD, mas sim quando este é pensado mantendo algumas regularidades com outros.

Norteando o presente trabalho, está a noção de formação discursiva, inserida por Foucault e redefinida por Pêcheux no quadro da Análise do Discurso. Foucault, falando em formação discursiva, em *Arqueologia do saber*, procurava contornar unidades tradicionais como “teoria”, “ideologia”, “ciência” para designar conjuntos de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas, o que se distancia de um procedimento da AD que não poderia dissociar formação discursiva e estudos de marcas lingüísticas e de organização textual (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

Pêcheux, no quadro da Análise do Discurso e sob a influência do marxismo althusseriano, propõe que toda formação social caracterizável por uma certa relação entre classes sociais, implicaria a existência de posições políticas ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Nessas formações ideológicas constariam uma ou mais formações discursivas interligadas que

determinam o que pode e deve ser dito em dado momento (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004).

Pêcheux formula sua teoria do discurso sob influência das leituras de Marx operadas por Altusser em “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado” (1974). Neste texto, o autor afirma que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Os mecanismos pelos quais essa dominação se perpetua seriam os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) – igreja, família, escola – e os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE). Neste sentido, Altusser formula três postulados na descrição do funcionamento da ideologia: a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência; a ideologia tem existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas; e a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos.

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso, intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 1995. p162).

A ideologia, enquanto prática significativa, aparece como efeito da relação do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. Não existindo relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento, essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. Desta forma, são as imagens que permitem que as palavras “colem” nas coisas. Por outro lado, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito (ORLANDI, 2003).

Adaptando o conceito de formações discursivas de Foucault à visão de luta de classes, Pêcheux (1995, p.160) a define como “aquilo que, numa conjuntura

dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc)”. O sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações em que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. Da mesma forma que estas palavras, expressões ou proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra (PÊCHEUX, 1995). Neste sentido, é útil explicitar que a unidade básica da formação discursiva é o enunciado, que embora possa se materializar como uma frase, uma proposição ou um ato de fala, não se confunde com essas.

Não se define um enunciado através de alguma regra estrutural delimitada, com regras de existências claras e definidas. O enunciado é uma função de existência que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e que faz com que apareçam conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Os enunciados só fazem sentido quando pensados através de uma cadeia de enunciados ditos, não ditos, possíveis, futuros e anteriores a ele. Para que uma seqüência de signos seja enunciado é preciso que ela esteja imersa num campo enunciativo. Não há enunciado isolado, independente. Ele sempre está envolto numa trama complexa formada com outros enunciados.

Essa trama é constituída pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento. É constituída também pelo conjunto de formulações que o enunciado se refere (implicitamente ou não) e pelo conjunto de enunciados que podem vir depois dele como sua conseqüência, sua seqüência natural, ou sua réplica. Ainda é formada pelo conjunto das formulações que compartilham o mesmo *status* (como texto científico, político, literatura)

(FOUCAULT, 2002). Quando se opera uma leitura discursiva em sites, não se pode limitar a idéia de enunciado a uma estrutura dada. Neste ambiente, os enunciados podem ser proposições ou frases, mas também imagens, sons, e links.

Um enunciado concreto é um elo na cadeia de comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhe determinam o caráter (BAKHTIN, 1997 p.316).

Em suma, os conceitos de formação discursiva e enunciado, revelam que o discurso não pode ser considerado isoladamente, como fechado em si, somente fazendo sentido na medida em que se relaciona com outros discursos existentes, sendo inserido em determinado contexto sócio-histórico, ou seja, considerando os discursos como estados de um processo discursivo.

Daí o fato de se considerar a intertextualidade a relação de um discurso com outros discursos existentes e a relação de um discurso com outros discursos possíveis, isto é, suas paráfrases, ou com o domínio de seus implícitos. Em suma, a relação do dito com o não dito, mas que poderia dizer naquelas condições (ORLANDI, 1996, p.218).

Mais especificamente, estas noções implicam em afirmar que ao analisar o discurso do Patrimônio de Ilhéus em *sites* de turismo, não se pode ficar preso àqueles enunciados encontrados, mas os relacionar com outros enunciados possíveis, já ditos e não ditos. Trata-se de compreender como as formações discursivas presentes em tais discursos se cruzam e como estas se relacionam com as formações ideológicas. Podemos assim passar a explicitar mais detalhadamente o que vem a ser as *condições de produção* do discurso.

Como dito anteriormente, a AD objetiva captar as condições de produção das formações discursivas, condições essas que vão abranger “tanto fatores da situação imediata (contexto de situação no sentido estrito), como os fatores do

contexto sócio histórico, ideológico (que é o contexto de situação no sentido lato)” (ORLANDI, 1996. p.218). Quando a AD busca compreender os conjuntos de enunciados através das suas condições de produção não coloca estas como sendo exteriores àqueles. Em outras palavras, não concebe o discurso como reflexo exterior de determinada situação sócio-histórica, mas, as condições de produção como constitutivas do discurso. Assim, o discurso é considerado como uma prática social, como prática integrante do contexto sócio-histórico e não como reflexo deste.

Definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e as outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais (PINTO, 2002, p.28).

Ao diferenciarmos as condições de produção do discurso em sentido estrito e lato, correspondendo respectivamente ao contexto de enunciação e ao contexto sócio-histórico e ideológico, apontamos para dois eixos de investigação confluentes, na medida em que na relação desses dois eixos se forma o sentido. “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação) e é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2003, p.33). Esta afirmação implica que a análise da constituição do sentido do Patrimônio Histórico de Ilhéus em *sites* de turismo deve abordar, por um lado, as relações interdiscursivas que constituem tal discurso, que são as condições sócio-histórico e ideológicas, e por outro, como os sentidos vão ser influenciados pela forma em que se materializam os enunciados.

Elemento fundamental para a AD é a noção de interdiscurso, o que pode ser entendido como uma memória discursiva que disponibiliza dizeres que influenciam a forma como o sujeito vai significar em determinada situação discursiva. O interdiscurso pode ser entendido como o conjunto de formulações feitas e já

esquecidas, que afetam o modo em que dizemos, inscrevendo os enunciado numa rede de sentidos.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é precisam que façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 2003, p.33-34).

O interdiscurso não pode ser confundido com o intertexto, que embora também mobilize relações de sentido restringe-se à relação de um texto com outros textos. O interdiscurso é da ordem do saber discursivo, no qual o esquecimento é estruturante. Este esquecimento resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia, tendo a ilusão de que somos a origem do que dizemos, quando na verdade retomamos sentidos preexistentes.

Segundo Pêcheux (1995, p.162), “toda formação discursiva dissimula, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal”. Essa objetividade material reside no fato de que existe sempre um já-dito, que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente. Este “algo que fala sempre antes” está sob a dominação do complexo das formações-ideológicas. Para Pêcheux, o interdiscurso é memória discursiva das formações discursivas, sendo submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas.

Na presente pesquisa, que busca a compreensão dos sentidos atribuídos ao Patrimônio histórico de Ilhéus em *sites* de turismo, o interdiscurso é tudo aquilo que já foi dito sobre Patrimônio, sobre turismo, sobre Ilhéus, sobre Jorge Amado e suas obras e que, de alguma forma, estão significando nos enunciados presentes nos *sites*. Todos esses sentidos já mobilizados por alguém em um contexto diverso, em

uma outra época, em um outro lugar e que caíram no anonimato, têm efeito sobre estes enunciados. Através da observação do interdiscurso, é possível compreender o funcionamento discursivo, a relação do sujeito com a ideologia, a rede de sentidos na qual se inscreve os enunciados, ou seja, a sua historicidade.

1.2 Dispositivo analítico

Os conceitos abordados acima nos auxiliam na compreensão do processo discursivo presente nos *sites* pesquisados. Posto isso, é necessário que constituamos um dispositivo analítico, que está relacionado ao objeto da pesquisa, à natureza do material analisado e à finalidade da pesquisa (ORLANDI, 2003). Dessa forma, tal dispositivo mobilizado para a análise proposta na presente dissertação, abarca além de estudos sobre o turismo em Ilhéus, conceitos da comunicação, em especial *internet* e sua linguagem, como também sobre o Patrimônio e sua construção discursiva.

Buscando marcas de diferenciação num mercado global, as localidades utilizam-se da afirmação das singularidades para estimular a visitação, produzindo representações globalizadas que são difundidas pelos meios de comunicação (AVIGHI, 2000). Dentre os meios que vêm ganhando notoriedade está a *internet*, símbolo da revolução tecnológica da informação (CASTELLS, 1999).

Uma revolução tecnológica, como foram as duas revoluções industriais, que têm em comum a penetrabilidade em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como tecido onde a atividade é exercida. A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia

foram para as revoluções industriais sucessivas que ocorreram nos séculos XVIII e XIX (CASTELLS, 1999).

Tecnologicamente, a *internet* consiste em uma rede de redes de computadores, que utilizam protocolos de comunicação para se interconectarem. Na medida em que as máquinas podem se beneficiar umas das outras, existe um aumento da capacidade de armazenamento e processamento de informações. Socialmente, a *internet* tem propiciado mudanças na forma de trabalhar, se divertir, comprar, vender e se relacionar. O turismo não sai ileso desse processo, pois o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação tem influenciado as mais variadas esferas da sociedade, dentre elas o turismo, como afirma Trigo:

Os computadores permitiram a informatização das reservas nos meios de transportes e hospedagem, da administração e do controle de processos burocráticos e financeiros, além das redes de telecomunicações. As redes foram interligando uma série de serviços e operações e, posteriormente, as próprias redes se interligaram. Isso se tornou possível graças a algumas conquistas científicas reunidas: digitalização dos dados, redes de computadores ligada a redes telefônicas para processar a massa de dados e programas capazes de gerenciar operações (TRIGO, 1988, p.67).

O crescimento da *internet* segue numa velocidade nunca vista antes se comparada às outras mídias. A tabela abaixo, produzida pela *Morgan Stanley Technology Research*¹ mostra a quantidade de tempo que cada mídia levou para atingir cinquenta milhões de usuários.

Mídia	Anos que levou para atingir 50 milhões de usuários
Rádio	38
Televisão	13
TV a cabo	10
Internet	5

¹ <http://www.morganstanley.com/institutional/techresearch/>

Este crescimento exponencial da *internet* no Brasil e no mundo² fez com que a iniciativa privada se interessasse pelo imenso potencial da rede enquanto instrumento de marketing e geração de receitas. Para Bissoli (2000, p.55) “o setor de turismo estará cada vez mais vinculado a tecnologias que permitem melhorar a prestação de serviços, reduzir custos, incrementar a produtividade e melhorar a qualidade do atendimento”. A adesão às novas tecnologias tem sido uma tendência apontada no setor (LAGE, 2000), fruto de uma adaptação que as organizações estão passando com a chamada revolução tecnológica.

Neste contexto, agências, hotéis, prefeituras, e outros estabelecimentos e promotores do turismo vêm construindo representações para serem veiculadas na *internet*. As novas tecnologias da informação têm forçado o *trade* turístico a reavaliar a forma de organização de seus procedimentos de produção e negócios; os métodos utilizados para disponibilizar, promover e distribuir seu produto para o mercado e o papel responsável pelo treinamento e desenvolvimento com relação à educação da mão-de-obra (COOPER, 2001).

Carter (2001) relata algumas pesquisas que mostram a crescente importância da *internet* como fonte de informações sobre o turismo. A *internet* foi citada como principal fonte de informações para preparação e planejamento de viagens por 26% dos entrevistados norte-americanos, número que subiu para 66% entre os que efetivamente já eram usuários da WWW³. Outra pesquisa, realizada na Escócia em 2001, mostrou que a *internet* era a segunda fonte de informações mais usada para planejar viagens nos 12 meses anteriores (58%). Os entrevistados consideram ainda a *internet* como provedora de informações com maior qualidade.

² Dados detalhados do crescimento da internet no Brasil e no mundo podem ser obtidos no Comitê Gestor da Internet no Brasil (<http://www.cgi.br/>)

³ WWW – Word Wide Web. Numa tradução literal seria “Rede de alcance mundial”. Ela representa a *internet* visual, baseada numa arquitetura hipertextual.

Pesquisa semelhante, realizada pelo *Instituto QualiBest*, para a revista '*Viagem e Turismo*' em 2005, indicou dados ainda mais significativos: 86% das pessoas que viajam utilizam a *internet* para planejar suas viagens, percentagem que supera a consulta a agências de viagens. Entre os aspectos negativos do uso da *internet*, foram destacadas a falta de resposta imediata, falta de segurança na transação de dados e a ausência de "dicas de pessoas da confiança do internauta".

Frente a grande quantidade de oferta disponível na rede mundial de computadores, as localidades, ávidas por atrair visitantes, buscam o diferencial frente à concorrência, proporcionando uma busca desenfreada pela "identidade local". Mais do que produzir simplesmente a mercadoria, o que se está em jogo é a produção da demanda através da valorização simbólica dos locais em um âmbito global. Os Patrimônios Históricos e Artísticos são acionados e valorizados no intuito de participarem da construção da imagem dos locais.

Na compra de um serviço turístico, ou na decisão de uma viagem, o turista está comprando uma ilusão, uma expectativa, adquire uma experiência desde que sai de sua casa até regressar a ela (BENI, 1998). É nesse âmbito que o Patrimônio entra como um signo importante para o turismo. Ele colabora para a construção de identidades, constitui-se em atrativo turístico por ser a marca materializada da diferença histórica e cultural dos locais visitados. Artimanha do homem em construir signos e lidar com eles, o Patrimônio objetifica a noção de cultura (GONÇALVES, 2002). Inseridos nas dinâmicas da atividade turística, os Patrimônios culturais constituem sentidos específicos, na medida em que se inserem em formações discursivas diferentes daquelas que conferiam legitimidade à nação.

O patrimônio, de que tipo seja, serve sempre para alguma coisa. Ele é uma construção social. Para que determinados elementos se constituam como

Patrimônio, têm de ser retirados do seu circuito de uso e ser investidos de valor e significado por discursos que o acompanham. A conversão de objetos e fenômenos culturais em Patrimônio não é espontânea nem natural. Toda a operação de construção ou ativação patrimonial comporta em si mesma um propósito ou uma finalidade. Existe uma dimensão utilitária inerente a todo o processo de construção patrimonial (PERALTA, 2003).

A idéia de Patrimônio comumente encontra-se associada à idéia de nação. Foi no final do século XVIII, com a formação dos Estados nacionais, que políticas públicas de preservação e conservação tomaram alguns bens como de interesse público transformando-os em objeto de proteção por parte do Estado. Neste contexto, surgiu o “Patrimônio Nacional”, símbolos cuja função é representar, ou inventar, um passado comum da nação. A constituição de patrimônios históricos e artísticos nacionais é uma prática de Estados modernos, que através de intelectuais recrutados, e com base em instrumentos jurídicos, delimitam um conjunto de bens no espaço público. Pelo valor que lhes é atribuído, enquanto manifestação cultural e enquanto símbolo da nação, esses bens passam a ser merecedores de proteção, visando à sua transmissão para gerações futuras.(FONSECA, 2005)

Os bens patrimoniais “ilustram” as narrativas nacionais, contribuindo para o sentimento de pertencimento dessas “comunidades imaginadas” (ANDERSON,1989). Na sua formação, estão implicados investimentos de ordem financeira, na restauração e preservação de sítios históricos, e de ordem simbólica, na legitimação destes símbolos como representantes do passado comum de alguma coletividade. A construção discursiva da nação pode ocorrer através da literatura, da língua nacional, de um conjunto de leis, de uma religião, de uma política cultural voltada à recuperação, defesa e preservação de um “patrimônio cultural” dentre

outras formas.

Essas inúmeras modalidades de construção discursiva da nação podem ser interpretadas como condições para serem, ao mesmo tempo em que produtos ou efeitos de estratégias de 'objetificação cultural', atualizadas por determinadas categorias e grupos de intelectuais em contextos socioculturais específicos (GONÇALVES, 2002, p.14).

Gonçalves (2002), ao analisar os discursos do patrimônio cultural no Brasil, utiliza-se do conceito de "objetificação cultural" para pensar os processos de invenção de "culturas" e "tradições" em modernos contextos nacionais. A partir dos estudos de Handler (Apud GONÇALVES, 2002), para o qual a objetificação se refere à materialização imaginativa de entidades sociocientíficas, tais como nação, sociedade, grupo e cultura, como se estes fossem coisas do mundo natural, algo de concreto.

Na linha de pensamento de Handler, está também a de Whorf (Apud GONÇALVES, 2002), para quem a objetificação é determinada por uma lógica embutida nas línguas e culturas ocidentais, tendendo, desta forma, a ser vista como algo independente de ações humanas contingentes e dotadas de propósito. Quanto a isso, Gonçalves propõe, então, incluir no campo de análise:

os usos que são feitos dessas "entidades sociocientíficas" por grupos e categorias em diferentes situações socioculturais. O que nos possibilitaria pensá-la também como estratégias, como ações contingentes e dotadas de propósitos, em vez de tão somente atualizações de uma "lógica cultural ocidental"(GONÇALVES, 2002. p.15).

Partindo deste princípio, podemos perceber nos discursos sobre o patrimônio o uso de palavras objetificadas como "nação", "povo", "região", como se estes fossem entidades objetivas, existindo no mundo independentemente de ações e valores humanos. De alguma forma, os discursos do patrimônio vão ser marcados por essas 'estratégias' e 'ações contingentes dotadas de propósito' e as mudanças

nestes discursos vão corresponder às situações sócio-culturais, nos quais são elaborados. Ora:

A escolha de um determinado patrimônio, assim como as opções para o seu tratamento, não são atos desinteressados: dependem do ponto de vista da seleção, do significado que se deseja atribuir aos objetos e do uso que se quer fazer deles. São ações inseridas em contextos histórico, socioeconômicos e culturais específicos, que também devem ser observados para o seu entendimento (MOTTA 2000, p.260).

O turismo, como atividade que se utiliza do patrimônio, é responsável pela sustentação de um discurso específico sobre esses bens. Com a turístificação do patrimônio, ou seja, sua transformação em atrativo, este passa a cumprir uma importante função para a formatação de locais turísticos e na criação da imagem do local. Os signos construídos para representarem as coletividades são consumidos antes da viagem se efetivar, contribuindo mesmo para a efetivação do deslocamento por parte do turista. Neste sentido, o patrimônio passa a integrar as diversas formas de publicidade dos locais, tendo ao mesmo tempo a função de forjar identidades, cumprindo um papel ideológico de diferenciação social e serve como atrativo para consumidores.

Neste sentido, a reformulação do Patrimônio em termos de capital cultural (CANCLINI, 2000) possibilita representá-lo como um processo social, que, como outro capital, acumula-se, reestrutura-se e produz rendimentos. Esse capital é apropriado de maneira desigual pelos diversos setores da sociedade, não podendo ser representado como conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixados de uma vez para sempre.

Nessa perspectiva, onde a idéia de Patrimônio é desnaturalizada, é que propomos à análise do discurso sobre o Patrimônio de Ilhéus em *sites* de turismo. Nesse sentido, o presente trabalho é organizado em dois capítulos. O primeiro e

mais longo, descreve a forma de constituição do corpus analisado, mostrando os enunciados retirados do *sites* pesquisados. Nele, há um primeiro tratamento dos dados, na medida em que identificamos as formações discursivas presentes em tal discurso e os princípios que às regem. O segundo capítulo de análise trata do discurso turístico sobre o patrimônio de Ilhéus, aí tentamos identificar os pontos onde as formações discursivas identificadas cooperam uma com a outra, tentando identificar também os pontos onde as diferenças ficam marcadas. Neste capítulo, utilizamos da noção de gênero como guia, na tentativa de elucidar as coerções que a atividade turística exerce sobre o discurso. No entanto, o foco recaiu sobre as formações discursivas, visto que, através desse conceito, podemos perceber a força da ideologia e das relações de poder presentes no discurso.

2.0 FORMAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O PÁTRIMÔNIO DE ILHÉUS

A análise que se segue tem como *corpus*, enunciados retirados de doze *sites* ligados à atividade turística de Ilhéus. Esses *sites* foram selecionados através de sistemas de busca e em portais de acesso, procurando, dentre as ocorrências, as que apresentassem a cidade de Ilhéus exclusivamente ou em meio a referências a outras destinações. Dentre as páginas encontradas, foram selecionadas aquelas que contivessem alguma referência a elementos considerados como patrimônio histórico material do município, tentando identificar as formações discursivas que contribuía para o sentido dado a estes elementos.

Na constituição deste *corpus*, buscamos construir montagens discursivas que obedecessem a critérios e princípios da AD e dos objetivos da análise.

Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou a exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes (ORLANDI, 2003 p.62).

A exaustividade que pretendemos é a vertical, tratando os “fatos” da linguagem em profundidade, com sua memória, sua espessura semântica e sua materialidade lingüístico-discursiva. A seleção do *corpus* e sua análise estão intimamente ligadas, pois decidir o que faz parte ou não do *corpus* já é decidir acerca das suas propriedades discursivas (ORLANDI, 2003).

A questão, neste sentido, não é quantidade. A seleção dos enunciados analisados foi feita de forma não probabilística, optamos pois pela busca em *sítes* de agentes de turismo: agências, secretarias de turismo, pousadas etc, na medida em que todos podem ser enquadrados na posição de produtores do turismo. “Nesta perspectiva não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas considerar sua enunciação como correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis” (MAINGUENEAU, 1997, p.14).

Foram ao todo setenta e nove enunciados retirados dos sites, que estão expostos a seguir:



**Direto da
Terra da
Gabriela**

Quadro 1



**Conforto
Lazer
e Requite...**

Quadro 2



**...na melhor
Localização
da Cidade**

Quadro 3

(1) *Animação de entrada do site. (Ilhéus Praia Hotel)*



Quadro 4

(2) *Nas proximidades do Hotel você encontra a Catedral de São Sebastião, Bar Vesúvio, Teatro Municipal, Centro de Convenções, Casa de Cultura e Casa dos Artistas. (Ilhéus Praia Hotel)*



- (3) *Casa de Cultura Jorge Amado, patrimônio histórico da cidade de Ilhéus e um dos pontos turísticos mais visitados. A Casa de Jorge Amado faz parte do Quarteirão Jorge Amado. (Ilhéus Praia Hotel)*



- (4) *Foto central da Catedral de São Sebastião e o Bar Vesúvio, um dos cenários de gravação da novela Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado. Este belo cenário se localiza na Praça D. Eduardo, em frente ao Ilhéus Praia Hotel. (Ilhéus Praia Hotel)*



- (5) *Convento de Nossa Senhora da Piedade, das irmãs ursulinas. Na foto, uma das poucas do Brasil em estilo Gótico. Localiza-se no Alto da Piedade, próximo ao centro da cidade e abriga um Museu (Ilhéus Praia Hotel)*



(6)

Estátua do Cristo redentor, localizada na Av. 2 de Julho, no centro da cidade, bem próximo ao Ilhéus Praia Hotel. (Ilhéus Praia Hotel)



(7)

Teatro Municipal de Ilhéus. Bem pertinho do Ilhéus Praia Hotel, mais uma opção para sua noite de shows e eventos. (Ilhéus Praia Hotel)

(8) A época produtiva de cacau, até os anos 80 do século passado, trouxe muita prosperidade para Ilhéus e região. Graças a isso, a cidade tem várias construções atraentes com arquitetura notável. (BrasIlhéus)

(9) A casa do famoso escritor Jorge Amado, o Palácio Paranaguá, a igreja Nossa Senhora da Piedade, e a catedral de São Sebastião, todos no centro, pertenceram àquela arquitetura característica. (BrasIlhéus)

(10) O Bataclan, na avenida 2 do julho, era um lugar popular de lazer na época entre os coronéis ricos. Hoje tem exposições da arte local, um restaurante e um bar, “escondido” no fundo. (BrasIlhéus)



(11)

(Brasillhéus)

(12)

(Brasillhéus)

(13)

(Brasillhéus)

(14) *Histórias dos tempos áureos da cacauicultura podem ser revividas no Bar Vesúvio e no Cabaré Bataclan, antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela, hoje transformados em atrações turísticas de visitação obrigatória, no quarteirão Jorge Amado. (Ilhéus Virtual)*

(15) *  fundamental também conhecer a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus (1556), onde funciona o Museu de Arte Sacra, também a Catedral de São Sebast o, construída em estilo neoclássico, uma das marcas registradas da cidade, e o Outeiro de São Sebast o, onde estão a Capela de Nossa Senhora de Lurdes e o marco da cidade, que proporcionam aos visitantes uma visão panorâmica. (Ilhéus Virtual)*



(16)

MUSEU NOSSA SENHORA DA PIEDADE Funciona em duas salas do antigo Palácio Episcopal, que foi doado às Irmãs Ursulinas. O acervo do museu é composto de mobiliário antigo, louças, castiçais, crucifixos, diversos paramentos romanos usados por padres na celebração das missas, quadros e objetos diversos e de uso pessoal de Madre Thaís, a fundadora do Instituto no Alto do Teresópolis. (Ilhéus Virtual)



(17)

MUSEU REGIONAL DO CACAU Fundado em 1982 para preservar e divulgar tudo que está ligado à cultura do cacau. Tem como acervo documentos, fotografias, objetos pessoais e obras de artista regionais. Permite uma visão detalhada da cultura do cacau, do seu surgimento até o seu completo desenvolvimento. Funciona nas dependências do extinto Instituto de Cacau da Bahia. (Ilhéus Virtual)



(18)

CASA DOS ARTISTAS Nela existem exposições permanentes, onde estão expostos quadros, são realizados vernisages, saraus literários, lançamentos de livros, peças de teatro, etc. É composta de um salão para espetáculos, salas de exposição e um mezzanino. A Casa também promove cursos de música, teatro, maquiagem teatral, etc. Fica na Rua Jorge Amado. (Ilhéus Virtual)



(19)

TEATRO MUNICIPAL DE ILHÉUS Magnífico prédio inaugurado em 1932 como Cine Theatro Ilhéus, onde se apresentaram artistas famosos do Brasil e do Exterior. Passou muito tempo abandonado, quando em 1986 foi reinaugurado pelo prefeito da época. É considerado um dos melhores teatros do norte e nordeste, um privilégio para a população local. Localiza-se na Rua Jorge Amado. (Ilhéus Virtual)



(20) **CASA DE JORGE AMADO** Foi construída na década de 20, e inaugurada em 1929. Foi o local onde Jorge Amado passou parte de sua vida, e escreveu o seu primeiro romance "O País do Carnaval". Hoje funciona a Fundação Cultural de Ilhéus e Casa de Jorge Amado, com vídeos sobre a vida e obra do escritor, seus livros e painéis falando de sua obra. Localiza-se na Rua Jorge Amado. (Ilhéus Virtual))



(21) **VESÚVIO** Tem fama equivalente aos mais notórios bares de intelectuais do mundo. Reduto de Gabriela e Nacib, personagens do romance Gabriela, Cravo e Canela, nele se reuniam os coronéis do cacau. Desde sua criação, o Vesúvio passou por vários proprietários, conservando o mesmo estilo arquitetônico. Localiza-se na Praça Dom Eduardo. (Ilhéus Virtual)

(22) Vale a Pena conferir: Um ponto que não pode faltar no seu roteiro é o **Bar Vesúvio**, um antigo local onde os coronéis se reuniam. Os visitantes poderão conhecer inúmeras histórias sobre a época das capitanias e fazendas de cacau. Aí se deu também o cenário do romance de Jorge Amado: **Gabriela, Cravo e Canela** (Férias Brasil)

(23) Foram os caprichos da natureza - o cacauzeiro é tipicamente equatorial, mas em Ilhéus se adaptou melhor que encomenda - que permitiram à cidade atingir seu apogeu no início do século XX. As lembranças da época continuam vivas no Centro Histórico, repleto de casarões e palacetes erguidos pelos barões em estilo neoclássico. Os antigos pontos de encontro dos ricos comerciantes também permanecem de pé, como o bar Vesúvio e o cabaré Bataclan, presentes nas obras do ilustre filho adotivo Jorge Amado. Em homenagem ao escritor, que tão bem retratou as belezas e as histórias da cidade, a residência onde passou a infância foi transformada em Casa de Cultura. (Férias Brasil)

(24) As lembranças dos tempos áureos do ciclo do cacau, no início do século XX, estão guardadas nos belos casarões com fachadas neoclássicas do Centro Histórico de Ilhéus, que hoje abrigam espaços culturais, teatros, restaurantes... Um dos destaques é a Casa de Cultura Jorge Amado, que funciona na residência onde viveu o consagrado escritor. Nos arredores, os espaços que serviram de cenário para as histórias de Amado conferem charme ao passeio, como o bar Vesúvio, com mesinhas na calçada, e o cabaré Bataclan, com salas para exposições e shows. (Férias Brasil)

(25) *As igrejas ganham um capítulo à parte, como a suntuosa Catedral de São Sebastião e a antiga Matriz de São Jorge dos Ilhéus, com museu de arte sacra. Já os povoados, como Rio do Engenho e Rio do Braço, preservam através de suas ruínas as memórias dos períodos de riqueza. (Férias Brasil)*

(26) **BAR VESÚVIO**

Avaliação: ★★★★★

Aberto por volta de 1920 por dois italianos, o bar Vesúvio ganhou fama com o romance Gabriela Cravo e Canela. Depois de mudanças de dono e de nome, recuperou o charme do velho Vesúvio em 2000, quando foi totalmente reformado em busca das características originais – entre elas, as mesas na calçada. Nas noites de terça-feira há apresentações teatrais inspiradas nos personagens Gabriela e Nacib. (Férias Brasil)

(27) **CASA DE CULTURA JORGE AMADO**

Avaliação: ★★★★★

Através de sua obra conhecida no mundo inteiro, o escritor Jorge Amado divulgou e imortalizou as belezas e as histórias de Ilhéus. Para agradecer ao “filho adotivo” (Amado nasceu na vizinha Itabuna), a cidade prestou-lhe uma homenagem à altura de seu talento, transformando sua antiga residência na Casa de Cultura Jorge Amado. Construído pelo pai do escritor em 1928, o palacete em estilo neoclássico ocupa uma área de 600 metros quadrados, com cinco metros de pé direito, piso de jacarandá e azulejos ingleses na varanda. Inaugurada em 1988, a Casa de Cultura abriga em seus grandes salões a Fundação... (Férias Brasil)

(28) **CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO**

Avaliação: ★★★★★

Considerada uma das mais bonitas igrejas do estado, a Catedral de São Sebastião foi inaugurada em 1967 e reúne em sua fachada detalhes minuciosos do estilo neoclássico, como vitrais artísticos, abóbadas e colunas. O exterior majestoso contrasta com o interior, bastante discreto e singelo. (Férias Brasil)

(29) **CENTRO CULTURAL BATACLAN**

Avaliação: ★★★★★

O antigo cabaré e cassino freqüentado pelos coronéis entrou em decadência com a proibição do jogo no país. Reaberto em 2004 como Centro Cultural Bataclan, manteve a fachada e preservou os cenários do velho bordel. Os espaços foram ocupados com restaurante, choperia, cybercafé, charutaria e salões para exposições, saraus, apresentações teatrais e shows. (Férias Brasil)

(30) **IGREJA MATRIZ DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS**

Avaliação: ★★★★★

Com uma arquitetura primitiva de encantadora beleza, a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus é a mais antiga da cidade, erguida em 1556. Além da imagem de São Jorge e do imenso painel que conta a história de Ilhéus, abriga o Museu de Arte Sacra, fundado em 1970. No acervo, valiosas imagens barrocas, alfaias – objetos para cultos - e documentos sacros. (Férias Brasil)

(31) **RIO DO ENGENHO**

Avaliação: ★★★★★

As mais antigas construções de Ilhéus estão preservadas no povoado do Rio de Engenho. Tombado pelo IPHAN, o patrimônio anterior ao ano de 1550 é formado pelas ruínas da fazenda de Santana, uma das mais antigas do país. A melhor maneira de conhecer as construções é através de passeios de barco que descortinam bonitas paisagens de Ilhéus, além de fauna e flora típicas do manguezal. Os roteiros incluem trilhas, visitas a fazendas da região e restaurantes com comidas tradicionais – destaque para os frutos do mar e a galinha caipira. (Férias Brasil)

(32) Toda a opulência dos anos majestosos do “ouro negro” é, ainda hoje, exibida na arquitetura local, com suas ruas e praças de paralelepípedo, casarões e bares, como o Vesúvio, cenário de “Gabriela, Cravo e Canela” - romance de Amado - e onde, outrora, coronéis e intelectuais se reuniam. (Bahia.com e Portal Brasileiro do turismo)

(33) CASA DE CULTURA JORGE AMADO

Cidade natal de Jorge Amado, Ilhéus inspirou variados romances assinados pelo escritor. O Bar Vesúvio, por exemplo, foi cenário recorrente em obras clássicas, como “Gabriela Cravo e Canela”, assim como o cabaré Bataclan, antigo reduto de personagens. A cidade, ainda hoje, se mostra agradecida às homenagens imortalizadas na bibliografia de Amado. A Casa de Cultura em seu nome é um bom exemplo disso.

Construída em estilo neoclássico, em 1928, por seu pai - João Amado de Faria -, a casa era a residência oficial da família Amado. Somente em 1988, foi transformada na Casa de Cultura que leva o nome do renomado escritor baiano, cujas obras já foram traduzidas em 48 idiomas e publicadas em mais de 50 países.

Situada no Centro Histórico de Ilhéus, a Casa, de grandes salões e escadarias, abriga a Fundação Cultural, a Academia de Letras e o Instituto Histórico de Ilhéus. Seu valor simbólico é imensurável: foi quando ainda residia aí, que Jorge Amado escreveu o romance “País do Carnaval”.

A marca da Casa de Cultura é uma imagem de traços forte, que mistura a figura do escritor com a do seu Santo Protetor, São Jorge, e de Oxossi - entidade do candomblé em representação às matas -; condizente com as crenças de Amado. O acervo guarda verdadeiras preciosidades da sua vida e carreira.

(Bahia.com)

(34) DISTRITO DE RIO DO BRAÇO

Cenário das narrativas épicas de Jorge Amado, o Distrito de Rio do Braço é berço da produção cacaueteira e prosperou durante cinco décadas, se configurando como uma das áreas mais nobres de toda a região.

A cidade fervilhava e o comércio de secos e molhados era intenso, impulsionado pelo alto fluxo de forasteiros e negociantes turcos, sírios e libaneses. Com a construção da estrada de ferro Ilhéus-Ubaitaba pelos ingleses, em 1905, intensificou-se o tráfego de população flutuante e o Distrito ganhou novas instalações (destaque para a Coletoria Estadual, em 1950.), direcionando o seu progresso.

Hoje, restaram apenas belas ruínas de valor histórico - salvo uma antiga estação de trem e uma bela mansão arquitetônica construída por italianos -, mas o

Distrito encanta, e muito, pelas belezas naturais: matas, rios e cachoeiras; palco da novela “Renascer”, da Rede Globo.

(Bahia.com)

(35) ENGENHO SANTANA

A bordo de uma típica chalana (embarcação de fundo chato), o visitante poderá contemplar toda a exuberância da região, remontando aos áureos anos da produção cacaujeira, em um passeio de aproximadamente 4 horas.

Logo no início, é possível avistar a Av. Dois de Julho, antiga zona portuária e comercial que hoje abriga bares, restaurantes, o porto antigo e o hidroporto. Em seguida, a chalana cruza a ponte Lomanto Júnior, que liga Ilhéus ao bairro Pontal. De brinde, o visitante é agraciado com as belezas históricas da região, como a Enseada Sapetinga e o canal Fundão, construído pelos jesuítas para facilitar o escoamento da produção de cacau da Bacia do Rio Almada (antigo Rio Taipe).

No caminho que leva ao povoado do Engenho de Santana, antigas terras da Condessa de Linhares, filha do então Governador Geral, Mem de Sá, a paisagem é recortada por manguezais. Ao aportar na vila do rio do Engenho, vale uma visita na Capela de Santana, uma das mais antigas capelas rurais do Brasil. Em estilo neoclássico, data de 1548.

Os mais ávidos por História não podem perder a oportunidade de reviver um antigo passeio feito pelos portugueses na colonização do Brasil, no sítio histórico do Rio do Engenho, onde foi instalado o primeiro engenho de cana-de-açúcar do país. O cenário ainda se encontra inteiramente preservado. (Bahia.com)

(36) ESTÂNCIA HIDROMINERAL DE OLIVENÇA

Fundada pelos jesuítas em 1700, Olivença era uma antiga vila indígena situada sobre uma colina de vista deslumbrante. Ainda restam traços deste período, como a igreja de pedra em invocação a Nossa Senhora da Escada. (Bahia.com)

(37) *O turismo da cidade foi escrito por Jorge Amado. Romances do autor, entre os quais Gabriela Cravo e Canela, transformaram em atrações cenários como o bar Vesúvio e o antigo cabaré Bataclan. Ficar no município significa estar no centro da Costa do Cacau e desfrutar de resorts e estabelecime... (Guia 4Rodas)*



(38)

(Guia 4Rodas)



(39) *(Guia 4Rodas)*

(40) BATACLAN

Av. 2 de Julho

Fone: 3634-7835

Opine sobre esta atração

Recomende esta atração para um amigo

Horário: 2ª/sáb 10h/22h, dom 17h/22h

No lugar do cabaré descrito por Jorge Amado em seus livros há exposições temporárias e uma lanchonete. No andar superior, atores encenam um esquete com personagens do autor. R\$ 2, duração de 7 minutos.(Guia 4Rodas)

(41) IGREJA

**São Jorge de Ilhéus (1556)*

R. Cons. Dantas

Opine sobre esta atração

Recomende esta atração para um amigo

(Guia 4Rodas)

(42) MUSEU

**Casa de Cultura Jorge Amado*

R. Jorge Amado, 21

Fone: 3634-8986

Opine sobre esta atração

Recomende esta atração para um amigo

Preço: R\$1

Horário: 2ª/6ª 9h/12h, 14h/18h, sáb 9h/13h

Casa onde o escritor passou a infância. Fotos e capas de seus livros. Visitas guiadas (Guia 4Rodas)

(43) VEJA

**Bar Vesúvio*

Pça. D. Eduardo, 190

Fone: 3634-2164

Opine sobre esta atração

Recomende esta atração para um amigo

Cartões: Visa Electron

Horário: 11h/2h

Celebrizado no romance "Gabriela Cravo e Canela", de Jorge Amado. Toda terça à noite há uma encenação (45') com os personagens Gabriela e Nacib (Guia 4Rodas)

(44) Os livros de Jorge Amado que têm Ilhéus como cenário só não são a perfeita tradução do que é a cidade hoje em dia por causa da influência que o autor teve posteriormente sobre o município. Explica-se: estão lá as calçadas de pedra e o bar Vesúvio, de "Gabriela, Cravo e Canela", mas, no livro, a rua do Teatro Municipal ainda não se chamava Jorge Amado, tampouco era museu a casa onde nasceu o escritor. De resto, o lugar é fiel à descrição literária, principalmente na simpatia de sua população. As curiosidades, no entanto, nem de longe se restringem à obra do mestre. É uma região de histórias naturalmente pitorescas, como a do calçamento da rua Antônio Lavigne de Lemos, que, reza a lenda, resultou da preocupação de um coronel do cacau de que os convidados para a festa de casamento da sua filha não se sujassem de lama.

Entre as casas grandiosas da época áurea do cacau, estão o Vesúvio e o cabaré Bataclã, que funcionava como cassino e salão de shows e que entrou em decadência após a proibição do jogo no país. Na região central, é interessante ainda visitar a praça do Cacau, que reúne cerca de uma centena de tipos de cacauzeiros de todo o mundo. (Folha On-line)

(45) A antiga casa de sua família tornou-se um belo museu e centro cultural. Fazer um passeio a pé por toda a cidade, incluindo uma parada no bar do Vesúvio, local preferido do escritor, descobrir a intensa atividade nas ruas estreitas, hoje livres de carros ou visitar a catedral. (StelaMares)

(46) Cenário do romance "Gabriela Cravo e Canela", do escritor Jorge Amado, a cidade possui atrações turísticas e praias freqüentemente visitadas por turistas de todas as partes do País. Entre os principais sítios históricos locais encontram-se a igreja de São Jorge, construída entre 1535 e 1556, o Museu de Arte Religiosa, com peças datadas dos séculos XVI, XVII e XVIII e a capela de Santana, datada de 1537, hoje tombada como parte do patrimônio histórico nacional. (City Brasil)

(47) Embelezada pelos famosos casarões construídos na época de ouro do cacau, como o palacete Misael Tavares (maior coronel da época), o solar dos Pimentais, o Grupo Escolar General Osório, A Associação Comercial e o próprio Palácio Paranaguá (sede da atual Prefeitura), Ilhéus tem história em cada rua, em cada esquina em cada praça. (City Brasil)

(48) Palácio do Paranaguá (Sede da Prefeitura Municipal)



Fundado em 22 de dezembro de 1907 na administração do Coronel Domingos Adami de Sá, localizado na praça J.J. Seabra. Antes da fundação da vila de São Jorge dos Ilhéus neste local existia uma aldeia indígena Tupi. Mais tarde nesta mesma área, os jesuítas construíram o seu colégio - "Casa Nossa Senhora do Socorro" quando os jesuítas foram expulsos do país em 1817 o antigo colégio servia de Câmara Municipal. O Coronel Domingos Adami de Sá iniciou a construção do atual Palácio Paranaguá em 22 de janeiro de 1898 após a demolição do antigo colégio. Construção em estilo neoclássico até hoje sede da Prefeitura Municipal de Ilhéus, sofreu algumas reformas mas sempre conservando a sua forma original, no seu interior estão expostos móveis, quadros e esculturas conservados e pertencentes ao patrimônio municipal. (City Brasil)



(49) Antigo Porto

Foto: www.ilheus.com.br

Vista parcial dos armazéns do antigo porto, hoje local usado para artesanato, cooperativa de pesca, fábrica de gelo, frigoríficos (City Brasil)

(50) Grupo Escolar General Osório

Situado na Praça Castro Alves, Centro, foi inaugurado em 1915. Prédio projetado para servir de núcleo estudantil, quando a cidade de Ilhéus, em pleno apogeu do cacau, constituía-se num dos grande pólos de desenvolvimento do País. (City Brasil)

(51) Palacete Misael Tavares

Imponente prédio em estilo neoclássico, foi inaugurado em 1922 com um grande banquete ao qual compareceram as mais destacadas personalidades da gloriosa época dos coronéis do cacau. Localizado na Praça Rui Barbosa, hoje abriga a Loja Maçônica. (City Brasil)

(52) Associação Comercial de Ilhéus

Situada na praça J.J. Seabra, este importante prédio apresenta aposentos refinados

que fazem lembrar a "Belle Époque". Durante muitas décadas, representou a pujança econômica das classes produtoras da região cacauzeira. (City Brasil)

(53) Avenida Antônio Lavigne de Lemos

É uma bela Avenida, situada no centro da cidade. Conta com uma curiosidade por ter sido a primeira rua a ser calçada em Ilhéus, toda em pedra polida vinda diretamente da Europa. Registra a história, que é obra de um grande "coronel do cacau", que realizou essa benfeitoria para que no casamento de sua filha, seus convidados não sujassem suas roupas de barro. (City Brasil)

(54) Presenteada por uma das mais belas casas de espetáculo da Bahia, o Cine Teatro Ilhéus inaugurado em 1932 é passagem obrigatória de todo visitante. Na mesma rua você encontra a Casa Jorge Amado, onde este escritor viveu quase toda sua infância e adolescência, hoje museu e espaço de inúmeros eventos culturais e logo ao lado a Casa dos Artistas, espaço também dedicado a cultura local, com obras de arte e shows regionais. Descendo a rua um pouco mais você encontra a Estátua de Sapho, única na América do sul. (City Brasil)



(55) TEATRO MUNICIPAL

Inaugurado no ano de 1932 e reinaugurado em 1986 pelo então prefeito Jabes Ribeiro conservando a sua fachada original. Esse Teatro está localizado na praça Luiz Viana Filho ao lado da Catedral e do Bar Vesúvio. Ele tem capacidade para 475 pessoas e uma infraestrutura das mais modernas do país. (City Brasil)

(56) CASA DE CULTURA JORGE AMADO

Construída no início da década de 20, pelo pai de Jorge Amado, a casa foi inaugurada aproximadamente em 1929. Com grandes salões e escadarias, a importância desta é que ali o escritor Jorge Amado passou parte de sua vida e escreveu o romance País do Carnaval. Mais tarde a casa foi vendida para outras famílias, vindo depois a ser utilizada como Faculdade de Direito de Ilhéus. Hoje a CASA DE CULTURA JORGE AMADO funciona como museu, contígua à Fundação Cultural, Academia de Letras e Instituto Histórico de Ilhéus. Fica na Rua Jorge Amado, 21. (City Brasil)

(57) VESÚVIO

Desde a sua criação, o Vesúvio foi e continua sendo um dos locais mais frequentados da cidade. Na época do coronelismo, os donos dos "Frutos de Ouro" – Cacau- costumavam ali encontrar-se para contar suas lutas e conquistas. -

Funcionando na parte térrea do prédio desde a sua criação até os dias atuais, o bar que já teve diversos donos, conserva o seu estilo arquitetônico. O Vesúvio está instalado na Praça D. Eduardo, 190. (City Brasil)

(58) BATACLÃ

O cabaré Bataclã foi durante muito tempo, o local predileto dos abastados senhores de cacau, nos tempos áureos em que a cacauicultura permitia a cidade de Ilhéus uma intensa e elevada vida noturna. No Bataclã funcionava um cassino e um salão para shows e dança, no qual constantemente havia apresentações de dois shows por noite. Ali costumavam apresentar-se companhias de dança do sul do País e até do exterior. As dançarinas e "damas de companhia" que ali freqüentavam, estavam sempre muito bem vestidas e penteadas para melhor atender as exigências e bom gosto dos frequentadores da casa. A partir da proibição nacional do funcionamento dos cassinos, o Bataclã entrou em decadência não conseguindo manter o nível de alto luxo da casa apenas com com bar e casa de dança.

Com um projeto de reconstrução em andamento pela Ilheustur, do antigo prédio restam apenas ruínas. Situada na Av. 2 de Julho no coração histórico da cidade.

(City Brasil)

(59) CASA DOS ARTISTAS

Construída na Rua Jorge Amado nº 39 para residência do "Coronel" Adami de Sá no final do século passado, a casa também já abrigou o colégio Afonso de Carvalho. Adquirida mais tarde pela família Rhen da Silva que ali residiu, anos depois foi vendida a um suíço, grande apreciador e incentivador das artes. O suíço, junto com um grupo de artistas locais fundou a Casa dos Artistas. Ali estão expostos quadros, esculturas, painéis, vasos e outros trabalhos de arte. Para funcionar como Casa dos Artistas, algumas reformas foram feitas no seu interior, porém a fachada continua a mesma desde a sua construção. Composta de um salão para espetáculos, salas e mezanino onde são expostos trabalhos dos artistas, a Casa promove saraus, shows e diversos cursos entre os quais: Teoria Musical, violão, Interpretação teatral, Maquiagem, Caracterização Teatral e outros. (City Brasil)

(60) ESTÁTUA DE SAPHO

Única na América do Sul, colocada na praça J.J. Seabra em frente ao Palácio Paranaguá, esta estátua foi arrematada em leilão. Em estilo neoclássico, entalhada em mármore de Carrara no início do Século XX. Sapho foi uma poetisa grega, a primeira mulher registrada na história a lutar pelos direitos de igualdade entre homens e mulheres. (City Brasil)

(61) MARCO DA FUNDAÇÃO

No mirante que fica no Oiteiro de São Sebastião, foi colocado o marco da Fundação da Vila de São Jorge durante a comemoração dos 450 anos da chegada do colonizador à região.

(62) MUSEU REGIONAL DO CACAU

Fundado em 1982, para guardar, preservar e divulgar a memória das comunidades regionais, tem como acervo documentação, fotografias, objetos e obras de artistas plásticos da região. O museu permite uma visão detalhada do surgimento ao desenvolvimento do ciclo do cacau, de parte da vida de colonizadores e de habitantes indígenas. Se encontra na Rua Eustáquio Bastos, no prédio do antigo Instituto do Cacau. (City Brasil)

(63) MUSEU DE ARTE SACRA

Fundado em 1970, funciona no anexo da Igreja de São Jorge, sendo mantido pela Cúria Metropolitana. Abriga valiosas imagens barrocas, alfaías e documentos sacros. A Igreja de São Jorge localiza-se na Rua Antônio Lavigne de Lemos, Centro. (City Brasil)

(64) PRAÇA DO CACAU

Quase 100 tipos de cacauzeiros de todo o mundo estão aí plantados, representando a Cultura do Cacau no Brasil, na África e na Ásia. A praça reproduz de forma miniatura uma fazenda da Região. É uma das maiores curiosidades do turismo de Ilhéus por ser a única na América, existindo outra semelhante apenas na África. (City Brasil)

(65) Igrejas como a capela de Santana (1537), a terceira mais antiga do Brasil, a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus (1556), a grandiosa Catedral de São Sebastião, a Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade e a de Nossa Senhora de Escada em Olivença é visitação imperdível. (City Brasil).

(66) CATEDRAL SÃO SEBASTIÃO



Foto: www.embratur.gov.br

Sua construção foi iniciada em 1931 e concluída em 1967. É um templo em estilo neoclássico com vitrais artísticos, colunas e abóbodas, sua imponente arquitetura é uma das principais atrações da cidade. Realizada todos os anos no dia 16 de janeiro a sua lavagem, o cortejo sai da sede do Sindicato dos Estivadores acompanhado por carroças ornamentadas, baianas típicas com jarros na cabeça e flores nas mãos, blocos afros e grande número de pessoas que seguem um roteiro até chegar a Catedral onde acontece a lavagem. Ali trios elétricos tocam para turistas e populares que cantam e dançam, enquanto as baianas lavam as escadarias da Catedral com

"água de cheiro" trazida nas jarras. (City Brasil)

(67) CONVENTO E IGRJA NOSSA SENHORA PIEDADE



Esse conjunto erguido em área urbana, é um belíssimo exemplar da arquitetura neogótica. O interior da Igreja é dotado de riquíssimo sacrário e na área do Convento funciona um colégio desde 1916, sob a direção das Irmãs Ursulinas. O Convento foi concluído em 1928 e domina uma das mais belas paisagens de Ilhéus. Hoje é também um local de realização de Congressos e Seminários. O conjunto fica na Rua Madre Thaís, no Alto da Piedade (City Brasil)

(68) MUSEU NOSSA SENHORA DA PIEDADE

O acervo do museu é composto de mobiliário antigo, louças, castiçais, crucifixos, diversos paramentos romanos usados por padres na celebração de missas, quadros e objetos diversos de uso pessoal de Madre Thaís, a fundadora do Instituto Nossa Senhora da Piedade em 1916. Das janelas e do pátio do museu pode-se Ter uma bonita vista da cidade e de várias praias. (City Brasil)



(69) CRISTO REDENTOR

Estátua de 7,5 metros de altura, situada na entrada da barra, na avenida 2 de Julho. Inaugurada durante o governo municipal de Mário Pessoa, serve de referência estética, ética e religiosa para o povo de Ilhéus. (City Brasil)



(70) IGREJA MATRIZ DE SÃO JORGE DOS ILHÉUS

Inaugurada em 1556, foi construída com pedras de cantaria e atualmente é a Igreja mais antiga do centro de Ilhéus. Sofreu diversas reformas através dos séculos, porém conservou seu estilo primitivo. Aí funciona o Museu de Arte Sacra de Ilhéus que guarda uma imagem secular de São Jorge, valiosas peças sacras dos Séculos XVI, XVII e XVIII e um painel da história de Ilhéus. Localizada na Rua Conselheiro Dantas, Centro.(City Brasil)



(71) IGREJA NOSSA SENHORA DA ESCADA

Foto: www.ilheus.com.br

Situada em Olivença a 18 km do centro de Ilhéus, foi construída pelos jesuítas no ano de 1700, em aldeamento indígena com desenho em estilo colonial. Tem por atrativo principal a imagem de Nossa Senhora da Escada, de traços barrocos. (City Brasil)

(72) CAPELA DE SANTANA

Construída no século XVI, em 1537 pelos jesuítas, apresenta um bom estado de conservação, tendo por peças importantes o batistério e a imagem de Nossa Senhora de Santana. Em estilo neoclássico, fica no povoado do Rio do Engenho, 20 km ao sul de Ilhéus, em terras que eram da Sesmaria dos Jesuítas, onde vicejou um extenso canavial. Está tombada pelo SPHAN e é considerada a 3ª Igreja mais antiga do país. (City Brasil)

(73) CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

Localizada no Alto de Teresópolis é uma das mais antigas do Brasil, construída na primeira metade do século XVI. Parcialmente destruída por um incêndio em 1887, sofreu uma brutal reedificação, em 1905 que alterou o seu desenho original. Todavia em 1970 teve nova restauração que procurou obedecer as linhas da primeira

arquitetura. (City Brasil)

(74) CAPELA NOSSA SENHORA DE LOURDES

Situada no cimo do Oiteiro de São Sebastião, é uma das mais simples construções do município, caracterizada por uma visão ampla da cidade. (City Brasil)

(75) RIO DO ENGENHO

Chegar ao antigo Engenho no Povoado de Santana, descendo de barco o Rio do Engenho, é transportar-se para o tempo e a história da Capitania de São Jorge dos Ilhéus e dos intrépidos milicianos da Companhia de Jesus, os Jesuítas. (City Brasil)

(76) Casa de Jorge Amado (1929): *Hoje está sendo transformada no Centro Cultural Jorge Amado, com exposição permanente da obra do escritor, além de atividades culturais e uma biblioteca; Rua Jorge Amado, 21 (Centro);*

Localidades de obras de Jorge Amado: *O escritor utilizou-se de muitos lugares reais para ambientar suas obras. Podem ser vistos nas ruas de Ilhéus lugares como o Bar Vesúvio (Pça. Dom Eduardo, 190) e o Bataclã (Av. Dois de Julho), entre outros.*

(77) São Jorge de Ilhéus (1556): *Possui um museu de arte sacra; Pça. Rui Barbosa (Centro);*

(78) Catedral de São Sebastião (1967): *Imponente monumento do poderio dos Senhores do Cacau; Pça. Dom Eduardo (Centro);*

(79) Capela de Sant'ana (1537): *Tombada pelo SPHAN; Povoado do Rio do Engenho; 20 km (ao sul).*

O primeiro procedimento adotado foi o exame da formação ideológica que caracteriza tais discursos. Para Pêcheux (1995), toda formação social caracterizável por uma certa relação entre classes sociais, implicaria a existência de posições políticas ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Essa formação é o que se chama de formação ideológica, na qual constariam uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito em dado momento (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004)

Os discursos sobre patrimônios históricos trazem em seu âmago a relação

de classes, na medida em que se constitui através da seleção e valorização de alguns bens pertencentes a determinados setores da sociedade, em detrimento de outros, com a finalidade de representar toda uma coletividade. Essa relação de classes, que opera em todo e qualquer discurso sobre Patrimônio, pode ser percebida nos enunciados acima, através do exame das formações discursivas que fazem parte dessa formação ideológica.

Tomando então, como princípio os discursos de valorização dos elementos citados como Patrimônio Histórico e Cultural de Ilhéus nos enunciados selecionados, nos quais fica explícito a grande influência das obras de Jorge Amado, foram constatadas duas formações discursivas que interagem nos discursos. Os enunciados 3, 14, 20, 21, 22, por exemplo, se diferenciam claramente na forma de valorização, quando comparados aos enunciados 15, 16, 25, 28, exemplos de uma outra formação discursiva. Essas diferenças confirmam a existência de posições políticas ideológicas distintas presentes no discurso sobre o Patrimônio Histórico e Cultural de Ilhéus, caracterizando a Formação Ideológica em questão.

Por um lado temos, a Formação Discursiva (FD) Amadiana, que se utiliza da imagem de Jorge Amado e de elementos que constam na obra *Gabriela Cravo e Canela*. Por outro lado, temos a FD Não-Amadiana, que faz menção a outros bens pertencentes à história de Ilhéus. Essas formações são opostas, no sentido de distintas, determinando o que pode e deve ser dito de diferentes formas.

Uma formação discursiva é um conjunto de princípios que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma posição discursiva, numa dada formação ideológica. Com base nos enunciados parafrásticos, ou seja, que “podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – interdiscursiva – de significação que tende a construir uma realidade (imaginária) de um sentido”

(SERRANI, 1993. p.47), foram identificados os princípios de cada uma dessas formações discursivas.

A seguir serão expostos os princípios identificados nas FDs Amadiana e a Não-Amadiana, que serão exemplificados através da retomada de alguns enunciados.

2.1 FD AMADIANA

Princípio 1: Os cenários das narrativas de Jorge Amado, retratados em Gabriela Cravo e Canela, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus

(34) Cenário das narrativas épicas de Jorge Amado, o Distrito de Rio do Braço é berço da produção cacaueteira e prosperou durante cinco décadas, se configurando como uma das áreas mais nobres de toda a região(...)

(4) Foto central da Catedral de São Sebastião e o Bar Vesúvio, um dos cenários da gravação da novela Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado. Este belo cenário se localiza na Praça D. Eduardo, em frente ao Ilhéus Praia Hotel

(14) Histórias dos tempos áureos da cacauicultura podem ser revividas no Bar Vesúvio e no Cabaré Bataclan, antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela(...)

(26) Aberto por volta de 1920 por dois italianos, o bar Vesúvio ganhou fama com o romance Gabriela Cravo e Canela. Depois de mudanças de dono e de nome, recuperou o charme do velho Vesúvio em 2000, quando foi totalmente reformado em busca das características originais – entre elas, as mesas na calçada. Nas noites de terça-feira há apresentações teatrais inspiradas nos personagens Gabriela e Nacib.

Princípio 2: Elementos que fizeram parte da vida de Jorge Amado fazem parte do Patrimônio de Ilhéus

(20) CASA DE JORGE AMADO Foi construída na década de 20, e inaugurada em 1929. Foi o local onde Jorge Amado passou parte de sua vida, e escreveu o seu primeiro romance "O País do Carnaval". Hoje funciona a Fundação Cultural de Ilhéus e Casa de Jorge Amado, com vídeos sobre a vida e obra do escritor, seus livros e painéis falando de sua obra. Localiza-se na Rua Jorge Amado. (Ilhéus Virtual)

(27) *Através de sua obra conhecida no mundo inteiro, o escritor Jorge Amado divulgou e imortalizou as belezas e as histórias de Ilhéus. Para agradecer ao “filho adotivo” (Amado nasceu na vizinha Itabuna), a cidade prestou-lhe uma homenagem à altura de seu talento, transformando sua antiga residência na Casa de Cultura Jorge Amado.*

(56) Casa de Cultura Jorge Amado. Construída no início da década de 20, pelo pai de Jorge Amado, a casa foi inaugurada aproximadamente em 1929. Com grandes salões e escadarias, a importância desta é que ali o escritor Jorge Amado passou parte de sua vida e escreveu o romance País do Carnaval.

Princípio 3: Locais que serviam como áreas de lazer e conversas dos Coronéis do Cacau, que foram retratados por Jorge Amado, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus

(10) *O Bataclan, na avenida 2 do julho, era um lugar popular de lazer na época entre os coronéis ricos. (...)*

(32) *Toda a opulência dos anos majestosos do “ouro negro” é, ainda hoje, exibida na arquitetura local, com suas ruas e praças de paralelepípedo, casarões e bares, como o Vesúvio, cenário de “Gabriela, Cravo e Canela” - romance de Amado - e onde, outrora, coronéis e intelectuais se reuniam.*

(29) *O antigo cabaré e cassino freqüentado pelos coronéis entrou em decadência com a proibição do jogo no país. Reaberto em 2004 como Centro Cultural Bataclan, manteve a fachada e preservou os cenários do velho bordel.*

(21) *Tem fama equivalente aos mais notórios bares de intelectuais do mundo. Reduto de Gabriela e Nacib, personagens do romance Gabriela, Cravo e Canela, nele se reuniam os coronéis do cacau.*

(57) *Vesúvio. Desde a sua criação, o Vesúvio foi e continua sendo um dos locais mais frequentados da cidade. Na época do coronelismo, os donos dos “Frutos de Ouro” – Cacau- costumavam ali encontrar-se para contar suas lutas e conquistas.(...)*

(58) *O cabaré Bataclã foi durante muito tempo, o local predileto dos abastados senhores de cacau, nos tempos áureos em que a cacauicultura permitia a cidade de Ilhéus uma intensa e elevada vida noturna*

Princípio 4: Elementos pertencentes à época de ouro do cacau, retratados por Jorge Amado, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus.

(14) *Histórias dos tempos áureos da cacauicultura podem ser revividas no Bar*

Vesúvio e no Cabaré Bataclan, (...)

(44) (...) *Entre as casas grandiosas da época áurea do cacau, estão o Vesúvio e o cabaré Bataclã, que funcionava como cassino e salão de shows e que entrou em decadência após a proibição do jogo no país.*

(24) *As lembranças dos tempos áureos do ciclo do cacau, no início do século XX, estão guardadas nos belos casarões com fachadas neoclássicas do Centro Histórico de Ilhéus, que hoje abrigam espaços culturais, teatros, restaurantes. Um dos destaques é a Casa de Cultura Jorge Amado, que funciona na residência onde viveu o consagrado escritor. Nos arredores, os espaços que serviram de cenário para as histórias de Amado conferem charme ao passeio, como o bar Vesúvio, com mesinhas na calçada, e o cabaré Bataclan, com salas para exposições e shows (...)*

(32) *Toda a opulência dos anos majestosos do “ouro negro” é, ainda hoje, exibida na arquitetura local, com suas ruas e praças de paralelepípedo, casarões e bares, como o Vesúvio, cenário de “Gabriela, Cravo e Canela (...)*

Princípio 5: O Patrimônio Histórico de Ilhéus, valorizado por Jorge Amado, também tem valor arquitetônico

(33) *Construída em estilo neoclássico, em 1928, por seu pai - João Amado de Faria - , a casa era a residência oficial da família Amado. Somente em 1988, foi transformada na Casa de Cultura que leva o nome do renomado escritor baiano (...).*

(21) *Desde sua criação, o Vesúvio passou por vários proprietários, conservando o mesmo estilo arquitetônico.*

No quadro abaixo estão expostos os princípios que regem a formação Amadiana:

Princípios que regem a FD Amadiana

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Os cenários das narrativas de Jorge Amado, retratados em Gabriela Cravo e Canela, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus • Elementos que fizeram parte da vida de Jorge Amado fazem parte do Patrimônio Histórico de Ilhéus • Locais que serviam como áreas de lazer e conversas dos Coronéis do Cacau, que foram retratados por Jorge Amado, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus |
|--|

- O Patrimônio de Ilhéus, retratado por Jorge Amado, é formado por elementos pertencentes à época de ouro do cacau.
- O Patrimônio Histórico de Ilhéus, valorizado por Jorge Amado, também tem valor arquitetônico

2.2 FD NÃO-AMADIANA

Princípio 1: São bens patrimoniais relevantes de Ilhéus, elementos ligados à Igreja Católica.

(25) As igrejas ganham um capítulo à parte, como a suntuosa Catedral de São Sebastião e a antiga Matriz de São Jorge dos Ilhéus, com museu de arte sacra. Já os povoados, como Rio do Engenho e Rio do Braço, preservam através de suas ruínas as memórias dos períodos de riqueza.

(65) Igrejas como a capela de Santana (1537), a terceira mais antiga do Brasil, a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus (1556), a grandiosa Catedral de São Sebastião, a Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, a Igreja de Nossa Senhora da Piedade e a de Nossa Senhora de Escada em Olivença é visitaçãõ imperdível.

Princípio 2: Os bens patrimoniais de Ilhéus apresentam valor histórico e artístico, retratado pelo seu estilo arquitetônico.

(5) Convento de Nossa Senhora da Piedade, das irmãs ursulinas. Na foto, umas das poucas do Brasil em estilo Gótico. (...)

(15) É fundamental também conhecer a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus (1556), onde funciona o Museu de Arte Sacra, também a Catedral de São Sebastião, construída em estilo neoclássico,(...)

(28) Considerada uma das mais bonitas igrejas do estado, a Catedral de São Sebastião foi inaugurada em 1967 e reúne em sua fachada detalhes minuciosos do estilo neoclássico, como vitrais artísticos, abóbadas e colunas. O exterior majestoso contrasta com o interior, bastante discreto e singelo.

(30) *Com uma arquitetura primitiva de encantadora beleza, a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus é a mais antiga da cidade, erguida em 1556. Além da imagem de São Jorge e do imenso painel que conta a história de Ilhéus, abriga o Museu de Arte Sacra, fundado em 1970. No acervo, valiosas imagens barrocas, alfaias – objetos para cultos - e documentos sacros.*

(51) *Palacete Misael Tavares: Imponente prédio em estilo neoclássico, foi inaugurado em 1922 com um grande banquete ao qual compareceram as mais destacadas personalidades da gloriosa época dos coronéis do cacau.*

(60) *Estátua de Sapho: Única na América do Sul, colocada na praça J.J. Seabra em frente ao Palácio Paranaguá, esta estátua foi arrematada em leilão. Em estilo neoclássico, entalhada em mármore de Carrara no início do Século XX. Sapho foi uma poetisa grega, a primeira mulher registrada na história a lutar pelos direitos de igualdade entre homens e mulheres.*

(63) *Museu de Arte Sacra: Fundado em 1970, funciona no anexo da Igreja de São Jorge, sendo mantido pela Cúria Metropolitana. Abriga valiosas imagens barrocas, alfaias e documentos sacros.*

(66) *Sua construção foi iniciada em 1931 e concluída em 1967. É um templo em estilo neoclássico com vitrais artísticos, colunas e abóbodas sua imponente arquitetura é uma das principais atrações da cidade.*

(72) *Capela de Santana: Construída no século XVI, em 1537 pelos jesuítas, apresenta um bom estado de conservação, tendo por peças importantes o batistério e a imagem de Nossa Senhora de Santana. Em estilo neoclássico, fica no povoado do Rio do Engenho, 20 km ao sul de Ilhéus, em terras que eram da Sesmaria dos Jesuítas, onde vicejou um extenso canavial. Está tombada pelo SPHAN e é considerada a 3ª Igreja mais antiga do país.*

Princípio 3: Fazem parte do Patrimônio Histórico de Ilhéus bens que foram construídos na época de ouro do cacau.

(47) *Embelezada pelos famosos casarões construídos na época de ouro do cacau, como o palacete Misael Tavares (maior coronel da época), o solar dos Pimentais, o Grupo Escolar General Osório, A Associação Comercial e o próprio Palácio Paranaguá (sede da atual Prefeitura), Ilhéus tem história em cada rua, em cada esquina em cada praça.*

(50) *Grupo Escolar General Osório: Situado na Praça Castro Alves, Centro, foi inaugurado em 1915. Prédio projetado para servir de núcleo estudantil, quando a cidade de Ilhéus, em pleno apogeu do cacau, constituía-se num dos grande pólos de desenvolvimento do País.*

(52) *Associação Comercial de Ilhéus: Situada na praça J.J. Seabra, este importante*

prédio apresenta aposentos refinados que fazem lembrar a "Belle Époque". Durante muitas décadas, representou a pujança econômica das classes produtoras da região cacauceira.

Princípio 4: O patrimônio Histórico de Ilhéus é agraciado com belas paisagens naturais.

(36) Fundada pelos jesuítas em 1700, Olivença era uma antiga vila indígena situada sobre uma colina de vista deslumbrante. Ainda restam traços deste período, como a igreja de pedra em invocação a Nossa Senhora da Escada.

(35) Engenho Santana: A bordo de uma típica chalana (embarcação de fundo chato), o visitante poderá contemplar toda a exuberância da região, remontando aos áureos anos da produção cacauceira, em um passeio de aproximadamente 4 horas.

Logo no início, é possível avistar a Av. Dois de Julho, antiga zona portuária e comercial que hoje abriga bares, restaurantes, o porto antigo e o hidroporto. Em seguida, a chalana cruza a ponte Lomanto Júnior, que liga Ilhéus ao bairro Pontal. De brinde, o visitante é agraciado com as belezas históricas da região, como a Enseada Sapetinga e o canal Fundão, construído pelos jesuítas para facilitar o escoamento da produção de cacau da Bacia do Rio Almada (antigo Rio Taipe).

No caminho que leva ao povoado do Engenho de Santana, antigas terras da Condessa de Linhares, filha do então Governador Geral, Mem de Sá, a paisagem é recortada por manguezais. Ao aportar na vila do rio do Engenho, vale uma visita na Capela de Santana, uma das mais antigas capelas rurais do Brasil. Em estilo neoclássico, data de 1548.

Os mais ávidos por História não podem perder a oportunidade de reviver um antigo passeio feito pelos portugueses na colonização do Brasil, no sítio histórico do Rio do Engenho, onde foi instalado o primeiro engenho de cana-de-açúcar do país. O cenário ainda se encontra inteiramente preservado.

(15) (...) o Outeiro de São Sebastião, onde estão a Capela de Nossa Senhora de Lurdes e o marco da cidade, que proporcionam aos visitantes uma visão panorâmica.

No quadro abaixo estão expostos os princípios que regem a Formação Não-Amadiana. Mais abaixo um quadro comparativo das duas FDs.

Princípios que regem a FD Não-Amadiana

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • São bens patrimoniais relevantes de Ilhéus, elementos ligados a Igreja Católica; |
|--|

<ul style="list-style-type: none"> • Os bens patrimoniais de Ilhéus apresentam valor histórico e artístico, retratado pelo seu estilo arquitetônico; • Fazem parte do Patrimônio Histórico de Ilhéus bens que foram construídos na época de ouro do cacau. • O patrimônio Histórico de Ilhéus é agraciado com belas paisagens naturais

Quadro comparativo dos princípios que regem as FDs	
FD Amadiana	FD Não-Amadiana
<ul style="list-style-type: none"> • Os cenários das narrativas de Jorge Amado, retratados em Gabriela Cravo e Canela, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus; • Elementos que fizeram parte da vida de Jorge Amado fazem parte do Patrimônio Histórico de Ilhéus; • Locais que serviam como áreas de lazer e conversas dos Coronéis do Cacau, que foram retratados por Jorge Amado, fazem parte do Patrimônio de Ilhéus; • O Patrimônio de Ilhéus, retratados por Jorge Amado, é formado por elementos pertencentes à época de ouro do cacau. • O Patrimônio Histórico de Ilhéus, valorizado por Jorge Amado, também tem valor arquitetônico 	<ul style="list-style-type: none"> • São bens patrimoniais relevantes de Ilhéus, elementos ligados a Igreja Católica; • Os bens patrimoniais de Ilhéus apresentam valor histórico e artístico, retratado pelo seu estilo arquitetônico; • Fazem parte do Patrimônio Histórico de Ilhéus bens que foram construídos na época de ouro do cacau. • O patrimônio Histórico de Ilhéus é agraciado com belas paisagens naturais

Os princípios que regem as formações discursivas supracitadas vão incidir sobre os *sites* pesquisados de variadas formas, não só em enunciados ligados ao Patrimônio. Imagens estáticas e em movimento, bem como textos de apresentação

da cidade e de seus serviços vão ser influenciados por esses princípios.

Imageticamente, o site do *Ilhéus Praia Hotel* destaca-se entre os demais, revelando em sua concepção várias escolhas influenciadas por tais princípios. O enunciado 1, no qual mostra-se uma seqüência de quadros, refere-se a animação que automaticamente é carregada ao acessar o endereço do hotel na *internet*. Essa animação serve como uma introdução do *site*, e somente ao seu término a página com possibilidades de navegação é carregada.

Nessa animação, informações verbais e imagéticas vão revelar as FDs presentes no discurso sobre o Patrimônio de Ilhéus. Ao começar com “*Direto da terra de Gabriela*” faz imediatamente a referência à obra de Jorge Amado, legitimando o Patrimônio de Ilhéus na FD Amadiana. O terceiro quadro da animação traz também a marca das FDs, no qual o texto “... *na melhor localização da cidade*” se referindo á localização do hotel, é complementado com duas fotos, sendo que uma delas mostra a visão aérea da Catedral de São Sebastião e do Vesúvio.

Após a página com possibilidades de navegação ser completamente carregada, mais alguns elementos vão se caracterizar pelas referências às FDs em questão. Duas animações de caráter ilustrativo e o texto de apresentação do *site* chamam atenção por essas referências. Textualmente, o *site* enfatiza o privilégio de estar perto do centro histórico: “Nas proximidades do Hotel você encontra a Catedral de São Sebastião, Bar Vesúvio, Teatro Municipal, Centro de Convenções, Casa de Cultura e Casa dos Artistas”. Visualmente, montagens de imagens se revezam no topo e no centro da página, mostrando, entre paisagens naturais, fotos do Vesúvio, da Catedral de São Sebastião, da Igreja Matriz de São Jorge e do Bataclã.

Ao finalizar o texto de apresentação, mais uma citação da obra Gabriela

Cravo e Canela: “Venha nos visitar, curtir suas férias e descansar no paraíso da Terra da Gabriela.” Essa caracterização de Ilhéus como “Terra da Gabriela”, princípio da FD Amadiana, é repetida em outros *sites*, como é o caso do *Ilhéus Virtual*, que inicia o texto de apresentação com o seguinte enunciado “ILHÉUS, conhecida como “Terra da Gabriela”, graduada como “Princesinha do Sul”” . Podemos perceber que os princípios da FD Amadiana, bem como o princípio que aponta a história de Ilhéus predominantemente sendo a história da cultura do cacau, presente nas duas FDs, vão estar presentes em todos os sites.

A referência à cultura do cacau, aos coronéis e a Jorge Amado, é traço marcante nos *sites*. Como foi possível observarmos, a referência à cultura do cacau atravessa as duas formações discursivas sobre o Patrimônio. Exemplo ilustrativo é a logomarca do *site BrasIlhéus*, que traduz imagetivamente a importância do cacau para o município, bem como a identifica com a região. A divisão de zonas turísticas, estabelecida pelo governo do Estado, coloca Ilhéus como a principal cidade desta zona, afirmando uma importância econômica e cultural do cacau para a região, conhecida como *costa do cacau*.

No *Bahia.com*, *site* oficial do governo do Estado, Ilhéus vai ser apontada como “A principal cidade da Costa do Cacau”. Essa zona é identificada historicamente e culturalmente com o cacau, sendo Jorge Amado responsável por retratar a região através da sua prosa. O enunciado a seguir explicita tal ligação da história de Ilhéus com o autor:

A história da cidade se confunde com a própria história da economia nacional no século XIV, quando a matéria-prima do chocolate - esta iguaria apreciada no mundo todo -, era o produto central de exportação do país. Ilhéus abrigava o principal porto de escoamento da produção e fervilhava de pessoas, dinheiro, luxo e riqueza. O intenso intercâmbio com a Europa transformou a cidade em um verdadeiro caldeirão cultural, entoado pela prosa do célebre

Jorge Amado em seus vários romances, traduzidos em diversas línguas. (*Bahia.com*)

No enunciado acima, podemos perceber a referência à idéia de região e a de Nação, ao se afirmar uma suposta ‘confusão’ entre a história da cidade e a história da economia nacional, devido à importância da exportação do cacau para o país. Essa referência é feita também através da representação visual das regiões turísticas através de um mapa interativo do Estado da Bahia com seus limites, recortado do mapa do Brasil. Podemos perceber aí as FDs agirem na construção discursiva da Nação e da Região, ao enfatizar o cacau e Jorge Amado e sua literatura como traço identitário da região, porém integrados à unidade nacional, como mostra a sua participação na economia nacional e pertencimento geográfico. Nesse sentido, o Patrimônio de Ilhéus vai ilustrar tal discurso de pertencimento.

Como aponta Anderson (1989), os bens patrimoniais “ilustram” as narrativas nacionais, contribuindo para o sentimento de pertencimento dessas “comunidades imaginadas”. Na sua formação, estão implicados investimentos de ordem financeira, na restauração e preservação de sítios históricos, e de ordem simbólica, na legitimação destes símbolos como representantes do passado comum de alguma coletividade. A construção discursiva operada através das FDs Amadiana e Não-Amadiana vai se utilizar da literatura, no caso da FD Amadiana, e de um conjunto de leis, de uma religião, e de uma política cultural voltada à recuperação, defesa e preservação de um “patrimônio cultural”.

Essa política cultural enfatiza a utilização da cultura do cacau com a caracterização da FD Amadiana, através de seus personagens e símbolos. O *site Ilhéus Hotel* tem o seguinte enunciado no topo da página: “Ilhéus Hotel, uma viagem ao passado na terra dos Coronéis”. No *site Feriadão*, a seguinte frase está na parte superior: “Ilhéus, BA -Terra do cacau e de Jorge Amado”. Podemos perceber que a

referência à cultura do cacau é atrelada muitas vezes à imagem de Jorge Amado, porém nem todos os elementos apontados como pertencentes a 'época de ouro do cacau' são indicados como sendo peculiares do universo amadiano. Isso caracteriza uma relativa independência do princípio, que o faz atravessar de uma FD a outra, estando exposto nos enunciados 47, 48, 50, 51, pertencentes à FD Não-Amadiana.

(47) Embelezada pelos famosos casarões construídos na época de ouro do cacau, como o palacete Misael Tavares (maior coronel da época), o solar dos Pimentais, o Grupo Escolar General Osório, A Associação Comercial e o próprio Palácio Paranaguá (sede da atual Prefeitura).

A independência do princípio é relativa na medida em que não se pode desvincular a representação da cultura do cacau em Ilhéus, difundida pelo mundo, da imagem de Jorge Amado. Como fica exposto no enunciado:

Ilhéus se tornou famosa pelas suas plantações de cacau, que fizeram a prosperidade da cidade. Nos anos 20 a cidade ganhou o apelido de "Princesa do sul". Também com o escritor brasileiro "Ilheense" Jorge Amado, que se tornou internacionalmente conhecido através de suas obras, traduzidas em 42 idiomas. Entre as mais famosas: "País do Carnaval (1930), "Cacau" (1933), "Terras do sem fim (1943), "Capitães de areia" (1937) e com certeza "Gabriela Cravo e Canela" que foi um sucesso nas telas. *BrasIlhéus*

Embora o enunciado acima cite cinco livros de Jorge Amado, foi possível observar na FD Amadiana, que a obra que vai servir como legitimadora dos elementos apontados como Patrimônio de Ilhéus é *Gabriela Cravo e Canela*. Essa escolha, que é influenciada pela difusão mundial de produtos audiovisuais - cinema e novela – da adaptação de tal obra, vai caracterizar certas posições ideológicas marcantes nos discursos sobre o Patrimônio de Ilhéus. Posições ideológicas que podem ser explicitadas pela observação nas formas de silêncio que engendram tal discurso.

Podemos observar, nas duas formações discursivas em questão, uma política de silenciamento de atores sociais que participaram da formação do

município. Podemos observar o silêncio por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas. Entendido como processos históricos, o silêncio não se reduz a ausência de palavras, a palavra também está repleta de silêncio. O silêncio presente nos enunciados significa, demarca limites entre formações discursivas diversas, limites entre o que pode ou não ser dito. Esse silenciamento não é consciente, mas sócio-histórico, relacionando-se com o que se chama de 'poder dizer': (ORLANDI, 1996).

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular ao que chamamos de 'poder dizer'[...] a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 1996, p.75).

A representação histórica de grupos sociais que participaram da formação do município de Ilhéus é silenciada, como se a história do município fosse marcada somente pela *época de ouro* do cacau com a força dos seus coronéis, princípio presente nas duas FDs, e pela presença da Igreja Católica, princípio da FD Não-amadiana. Nesse sentido, as duas formações estão em consonância com o discurso pessoísta, identificado por Ribeiro (2001), sobre a história regional.

Segundo Ribeiro, durante o século XX, em Ilhéus, textos históricos, técnicos e literários criaram uma versão mítica da história regional baseada na memória coletiva de um grupo seletivo da sociedade ilheense. Os discursos destes produtos textuais estavam de acordo com a versão 'pessoísta' da formação da sociedade cacauzeira e se tornaram paradigmas na história regional. A partir da luta pelo poder em Ilhéus, no final do século XIX e início do século XX, por dois grupos formados e organizados por alianças familiares, o autor identifica duas formações que competiram na construção histórica de Ilhéus.

Na luta pelo poder entre adamistas e pessoístas, os últimos gradualmente chegaram ao seu auge, inicialmente com a ascensão de J.J Seabra ao governo do Estado da Bahia, em 1912. Através da imprensa e de obras históricas encomendadas, o discurso pessoísta passou, então, a se reproduzir em diversas obras literárias a partir desta época, a exemplo do livro sobre o cacau baiano de Leo Zehntner (1914), Miguel Calmon (1923), Souza Brito (1924) e Affonso Costa (1924). São excluídos da versão pessoísta, a lavoura cacauzeira ainda no século XIX e o papel desempenhado por fazendeiros e comerciantes. Por outro lado, tal discurso enaltece a força dos coronéis que conseguiram construir uma civilização com seus próprios esforços (RIBEIRO, 2001). Os *sites* de turismo que apresentam, por um lado, elementos ligados a *Gabriela Cravo e Canela* e à cultura do cacau, e, por outro, à Igreja Católica silenciam outras épocas e períodos históricos, como faz o discurso pessoísta.

Outra forma de silêncio presente nas FDs analisadas se processa pela exclusão dos processos de constituição dos elementos apontados como Patrimônio de Ilhéus. Estudos históricos sobre Ilhéus (RIBEIRO, 2001; GUERREIRO e PARAÍSO, 2001; CAMPOS, 2006 ;MACEDO e RIBEIRO, 1999) relatam os processos de formação dos referenciais históricos e identitários do município que aparecem nos enunciados encontrados nos *sites*. Podemos categorizar esses estudos como o discurso científico acerca do Patrimônio e da história do município. Junto a eles, poderiam se somar outros textos, inclusive de Jorge Amado, como o livro *Cacau*, no qual fica retratado conflitos de classes existentes na lavoura cacauzeira.

No discurso científico, como também no livro *Cacau*, há espaço para os conflitos, interesses, disputas e explorações, onde se tenta desvendar as tramas que

caracterizam o processo de formação do município. Esses dizeres que não fazem parte do discurso sobre o Patrimônio de Ilhéus em *sites* de turismo, são silenciados nas duas FDs. Porém, é a partir deles que podemos perceber os silenciamentos que são processados nas formações discursivas analisadas.

Na FD Não-Amadiana, destacamos duas formas em que o silêncio significa: na naturalização dos significados atribuídos aos elementos através da simplificação ou omissão dos processos de formação desses e de seus sujeitos; e na quase total ausência de símbolos que não sejam católicos e da *época de ouro* do cacau, calando outros atores que contribuíram na formação do município. Esses silêncios são constitutivos do discurso, na qual

se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma 'outra' formação discursiva, uma 'outra' região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer (ORLANDI, 1996, p.76).

O silêncio em tal discurso significa por omissão dos processos de formação e o silenciamento dos atores envolvidos em tais processos. Em nenhum enunciado apresentado, esses sujeitos têm voz, eles não falam, e quando aparecem (15, 16, 23, 24, 32, 33) são figuras da retórica, ilustram e valorizam os elementos através de um enunciado sintético, direto, sem espaço para mais informações. Escamoteiam-se, assim, os processos em detrimento do uso dos artefatos na atividade turística, valorizando seus atributos estéticos e estilísticos e silenciando os processos de constituição dos elementos.

Os enunciados 35 e 36 merecem destaque, visto que nesses, índios e negros são calados e apagados. Em 36, o índio aparece no enunciado como pertencente ao passado distante, pois *“Olivença era uma antiga vila indígena situada sobre uma colina de vista deslumbrante”* e a lembrança que resta deste período é *“a igreja de pedra em invocação a Nossa Senhora da Escada”*. Usando o mecanismo da

paráfrase, próprio da AD, para compreender tal enunciado, podemos chegar a tais construções parafrásticas: *Olivença já foi uma aldeia indígena*, ou, *Olivença não é mais uma aldeia indígena*.

Olivença era uma antiga vila indígena, ou seja, *ela não é, ela foi um dia já perdido no passado*. O verbo *ser*, redundante na oração, lança ainda mais para trás as referências do indígena na região. Ignora a atual presença indígena, como também a participação na construção da igreja citada, os conflitos e a exploração da mão de obra. O índio é descartado do atual contexto mesmo que tenha uma presença organizada no local⁴.

Sentidos contrários são apagados através deste silêncio. No discurso da comunidade local⁵, a igreja foi construída com a participação indígena, como também todo o território de Olivença é de direito dos indígenas. A participação na construção da igreja é afirmada também pelo Inventário de Proteção do Acervo Cultural - IPAC (1988). Segundo o IPAC, a igreja possui na fachada a imagem de um sol com as inscrições I. H. S. no centro, que denunciam o sincretismo religioso.

O silêncio se manifesta de outra maneira nesse mesmo enunciado. Ao caracterizar a localização de Olivença e da igreja, como uma '*colina de vista deslumbrante*', silencia-se que as escolhas dos locais estavam relacionadas a critérios de defesa do território contra índios e piratas. De acordo com o IPAC (1988), o urbanismo do sul da Bahia preserva tipologias das cidades coloniais brasileiras. Quanto a sua relação com a topografia local, a maioria destas cidades

⁴ Os índios de Olivença foram reconhecidos em 2002 e organizam regularmente manifestações, como também já produziram materiais gráficos, videográficos e hipertextuais onde é retratado o discurso indígena sobre a presença do índio em Olivença.

⁵ COMUNIDADE TUPINAMBÁ, **Índios na visão dos índios Tupinambá**. Salvados, BA: Sebastián Gerlic (Thydwé), 2003.

desenvolve-se sobre elevações, por razões estratégicas, de modo a dominar uma grande extensão de oceano e território e dificultar sua tomada pelos inimigos – digase, índios e invasões estrangeiras. Ainda seguindo a descrição, era uma tradição medieval e mesmo sendo ultrapassada após o advento da artilharia, os portugueses mantiveram este modelo urbanístico, talvez por inércia ou por ineficiência na defesa contra índios, contrabandistas e piratas. Nesse sentido, percebemos mais uma vez o limites impostos pelo silêncio, que delimita as formações discursivas, determinando o que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura.

No enunciado 35 o silêncio ainda é maior, pois o negro nem aparece citado, embora se afirme que o local foi um dos primeiros engenhos de cana de açúcar, modelo de exploração escravocrata.

(35) Os mais ávidos por História não podem perder a oportunidade de reviver um antigo passeio feito pelos portugueses na colonização do Brasil, no sítio histórico do Rio do Engenho, onde foi instalado o primeiro engenho de cana-de-açúcar do país.

O negro não se constitui como elemento que atribua significado ao local. No enunciado, as terras eram da Condessa de Linhares, filha do então Governador Geral, Mem de Sá. A exemplo dos símbolos relativos à cultura do cacau, os quais são apontados como obras dos e para deleite dos coronéis, o engenho de Santana é referenciado pelos que comandavam a força do trabalho. Essas escolhas, que silenciam grupos dominados ao longo da história, ilustram a afirmação de Canclini (2000), ao observar que o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista.

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantêm juntos (CANCLINI, 2000, p.160).

Tomando como base o discurso científico sobre a história de Ilhéus, vamos observar no enunciado 35, o silenciamento de “um dos capítulos mais representativos da história da resistência negra na América” (MACEDO; RIBEIRO, 1999), onde ocorreram inúmeras revoltas escravas, que chegaram a dominar a propriedade do engenho de Santana por três anos (1821-1824). Os escravos de Santana têm um histórico de resistências e militância. “A ocupação do engenho entre os anos de 1821 e 1824 foi precedida de um outro movimento ocorrido por volta de 1789, quando foi morto o mestre de açúcar, seqüestradas as ferramentas e paralisados os trabalhos na lavoura por dois anos” (idem. p. 90), quando foi redigido pelos escravos rebelados, um tratado estabelecendo condições para o retorno ao trabalho.

Embora o discurso científico sublinhe a importância desses fatos na localidade do engenho de Santana, no enunciado 35, o convite feito para “os mais ávidos por História” que “não podem perder a oportunidade de reviver um antigo passeio feito pelos portugueses na colonização do Brasil”, silencia todo o histórico de lutas relatado acima. Ao se referir à colonização portuguesa como um “passeio”, há uma supressão do sentido de exploração que caracterizou tal período.

As informações históricas são interessantes para que se possa perceber também, como estas referências silenciadas têm características que poderiam ser utilizadas pelo turismo, com um forte apelo cenográfico e histórico. Ora, se no capitalismo tudo se transforma em mercadoria, sendo o patrimônio um capital cultural que gera rendimentos para àqueles que tem a posse deles (CANCLINI, 2000), por que não democratizar o acesso e a exploração destes outros patrimônios? Por que não inserir outros atores sociais e outros tempos históricos nas narrativas sobre Ilhéus?

O silenciamento de outras vozes no discurso sobre o Patrimônio histórico e cultural de Ilhéus não pode ser pensado como simples desconhecimento histórico, mas materialização das relações de poder nos discursos. Relações nas quais os donos “naturais” da terra e da força de trabalho de outras classes fixaram o alto valor de certos bens culturais, contando com a maior parte dos elementos.

3. O DISCURSO SOBRE O PATRIMÔNIO EM *SITES* DE TURISMO

A análise do discurso sobre o Patrimônio Histórico e Cultural de Ilhéus em *sites* de turismo, a partir das coerções estabelecidas pela atividade turística, possibilita compreender como alguns sentidos vão sendo elaborados no discurso em decorrência do gênero em questão. Esses sentidos podem ser percebidos através da observação da relação estabelecida entre as duas FDs presentes no discurso. Essa relação, como foi possível notar ao levantarmos os princípios que regem as FDs, é predominantemente de cooperação, na medida em que as duas FDs compartilham dos mesmos objetivos.

Essa cooperação é percebida através do estilo empregado nos enunciados, exaltando a idéia de visitação e consumo dos locais, pelos *links* presentes no contexto, e na posição enunciativa estabelecida nas FDs. Tal relação se estabelece na medida em que compartilham o mesmo propósito de promover o município de Ilhéus como um destino turístico, servindo assim como diferentes argumentos de uma mesma estratégia.

Nesse sentido, buscamos compreender os processos de formação dos sentidos do Patrimônio Histórico e Cultural de Ilhéus, tendo em vista sua utilidade para o setor turístico e a linguagem hipermidiática, com a qual o discurso se materializa, observando sempre a inscrição das FDs, que se encontram num nível mais amplo de abordagem. Para fins de análise, esse capítulo foi organizado em

duas partes. A primeira tem o objetivo de levantar características gerais do gênero em questão, através de regularidades encontradas nos sites pesquisados, elucidando dessa maneira, os princípios que perpassam as duas FDs. Princípios esses que são coerções impostas pelo gênero publicitário, que determina um sentido utilitário ao Patrimônio. A segunda parte analisa as formas de apropriação que as FDs fazem do gênero publicitário, mostrando as nuances que demarcam a hegemonia da FD Amadiana sobre FD Não-Amadiana. Assim, trataremos primeiramente das características que as aproximam e mais adiante das singularidades que cada FD vai impor ao se apropriar do gênero.

3.1 A publicidade turística na *internet*: uma questão de gênero

Um pressuposto da AD é que não se pode dizer o que se quer quando se quer, sendo os discursos socialmente organizados, inserindo-se numa *ordem enunciativa* e são regulados, moldados pelos gêneros que os constituem (BARACUHY, 2004). Para Bakhtin (1997. p.279), “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.”

Os enunciados só fazem sentido quando constituem-se em signo de alguma coisa, para alguém, em um contexto determinado, apresentando-se assim como amostras de certo gênero discursivo. Toda esfera de atividade humana, seja ela qual for, estabelece certa forma de se relacionar com a língua e outras semióticas, formando universos discursivos e gêneros do discurso. Ao entendermos o turismo como um campo discursivo, devemos considerar que nesta esfera de atividade

humana existem certas estruturas composicionais relativamente estáveis no trato da linguagem, assim também como estilo e conteúdo temático semelhantes.

Evidentemente, o turismo é uma atividade complexa, envolvendo, desse modo, várias instâncias comunicativas. Poderia se analisar o discurso dos políticos sobre o turismo, o discurso do turista sobre o Patrimônio, dentre outras perspectivas, sendo que todas elas vão estar marcadas por forças ideológicas que se manifestam através das FDs. Considerando-se *sítes* de turismo, podemos caracterizá-los como um tipo de publicidade turística, o que implica uma função pragmática que deve assumir os discursos aí presentes. A análise de como as FDs Amadiana e Não-Amadiana vão se manifestar a partir das coerções impostas pelo gênero e como vão ser atualizadas no meio hipermediático, contribui para a compreensão de alguns sentidos mobilizados no Discurso.

Segundo Bakhtin (1997), os gêneros discursivos apresentam três elementos indissociáveis: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O conteúdo temático diz respeito à abordagem dos objetos (temas) que passam pelo processo de valoração de uma determinada esfera em determinado tempo e contexto (dito de outro modo, é o que pode tornar-se dizível por meio dos gêneros); estilo está relacionado à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais utilizados para compor o gênero, e a construção composicional concerne às formas de composição e acabamento dos enunciados, ou seja, ao arranjo esquemático em que o conteúdo temático se assenta e aos modos discursivos de organização textual (narração, descrição, etc.).

O conteúdo de um *site* de turismo são os produtos turísticos. O Produto Turístico é formado pelo conjunto de bens turísticos, que são os recursos naturais e culturais que atraem os visitantes, somado ao complexo de serviços colocados à

disposição pelas organizações do ramo (VAZ, 2001). Podemos observar tais conteúdos através dos *links* presentes nas páginas pesquisadas, bem como através de outros elementos textuais e imagéticos que formam o conjunto do *site*.

Os *links* presentes no sítio do *Bahia.com*, por exemplo, são: Roteiros, *Como chegar*, *Serviços*, *Onde ficar*, *Onde comer*, *Belezas naturais*, *Cultura*, *Sol e Mar*, *Esporte e Aventura*, *Turismo Rural*. Como podemos notar, esses *links* remetem a informações sobre os produtos turísticos da cidade. Esses tipos de *links* são encontrados em outros sítios, como no *site* 'Ilhéus Praia Hotel' (*Página inicial*, *Hotel*, *Pontos turísticos*, *Quarteirão*, *Busca*, *Tabela de diárias*, *Fale conosco*) ou no *site* *Brasilhéus* (*Hotéis em Ilhéus e Região*, *Imóveis em Ilhéus e Região*, *Pousadas em Ilhéus e Região*, *Como Chegar em Ilhéus*, *Passeios em Ilhéus e Região*, *Praias ao redor de Ilhéus*, *Previsão do tempo*, *Olivença*, *Ilhéus Mapa*, *Links*, *Contato*).

Embora esses sítios tenham soluções de *design* diferentes, a função preenchida pelos *links* está atrelada à disponibilização de conteúdo informacional e motivacional. Em um *site* de turismo não há, ou pelo menos não deve haver, *links* que enviem o usuário para páginas de problemas estruturais da localidade, por exemplo, pois essas informações são opostas às características do gênero. Embora a hipermídia proporcione a possibilidade de diferentes soluções na adequação de conteúdos, devido a sua condição híbrida, a estrutura hipertextual das informações, constituídas através de *links*, pode ser apontada como o princípio da estrutura organizacional de qualquer *site*.

O *link*, nesse sentido, não exerce uma função exclusivamente técnica. Suas características vão exercer influência nas formas de interpretação dos conteúdos. Na *Web*, "[...] os *links* geram expectativas a depender de onde se situam. Eles são instrumentos interpretativos e não simples instrumentos neutros e ingênuos de

relações constantes e estáticas” (MARCUSHI apud CAVALCANTE, 2004 p.168).

A presença de determinado *link* na página influencia os sentidos atribuídos aos elementos nela dispostos, fazem parte do co-texto. Uma foto da Catedral de São Sebastião, em Ilhéus, colocada numa página que tivesse *links* do tipo: *materiais, planta, orçamento, cronograma*, mobilizaria sentidos diversos daqueles em que se o mesmo enunciado se encontrasse em meio a *links* do tipo: *onde ficar, como chegar, roteiros, hotéis* etc. Desta forma, o *link* tem a dupla função de ligar os blocos de informações e contribuir na constituição do sentido dado a seus elementos, pois se constituem, eles próprios, em enunciados de determinadas formações discursivas.

Os *links* que levam ao patrimônio ilustram a função interpretativa que tais elos exercem. Nas páginas pesquisadas, os elos que levam para informações sobre os bens patrimoniais de Ilhéus apresentam-se como paráfrases discursivas da idéia de atrativo. Entendendo-se que há uma paráfrase na medida em que “podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – interdiscursiva – de significação que tende a construir uma realidade (imaginária) de um sentido” (SERRANI, 1997, p.47).

Temos: *Atrações* (Guia 4 Rodas), *Atrativos culturais* (Férias Brasil), *Passeio em Ilhéus e Região* (BrasIlhéus) *Onde ir* (Ilhéus Hotel), *Atrativos culturais* (Ilhéus Virtual), *Passeios* (Stela Mares), *Pontos turísticos* (City Brasi), *Atrações Turísticas* (TV turismo), *Pontos turísticos e Quarteirão* (Ilhéus Praia Hotel), *Cultura: opções de roteiro...*(Bahia.com). Na medida em que tais *links* levam ao conteúdo relativo ao Patrimônio, percebemos a existência de uma ressonância significativa que estabelece, através do interdiscurso, o sentido de atrativo ao Patrimônio, como sendo um recurso cultural de atratividade para o município.

A partir desses *links*, que são enunciados, podemos apontar um primeiro

princípio que atravessa as FDs Amadiana e Não-Amadiana: o Patrimônio cultural é um atrativo turístico. Ao objetificar a cultura através de símbolos investidos de valor, a atividade turística se utiliza do patrimônio como um atrativo dentre outros, independente da FD a que se filie tal Patrimônio. Do ponto de vista pragmático, o atrativo turístico é um dos elementos que compõe a oferta turística, e junto com ele temos os serviços turísticos, serviços públicos e infra-estrutura básica (IGNARRA, 1999).

O atrativo serve para cativar o olhar e a imaginação do visitante, mesmo antes da viagem. Do ponto de vista discursivo, o sentido emprestado ao patrimônio neste contexto, inserido no gênero publicitário, embora mantenha relações interdiscursivas com as noções de Patrimônio Nacional, que estão ligadas a uma noção de pertencimento, desloca o seu sentido ajustando-se à idéia de produto a ser consumido. Esse sentido de ‘algo a ser consumido’ adquirido pelo Patrimônio pode ser percebido atravessando as duas Formações Discursivas nos enunciados abaixo:

(7) Teatro municipal de Ilhéus. Bem pertinho do Ilhéus Praia Hotel, mais uma opção para sua noite de Shows e eventos. (FD Não-Amadiana)

(22) Vale a pena conferir. Um ponto que não pode faltar no seu roteiro é o Bar Vesúvio, um antigo local onde os coronéis se reuniam. Os visitantes poderão conhecer inúmeras histórias sobre a época das capitanias e fazendas de cacau. Aí se deu também do cenário do romance de Jorge Amado: Gabriela cravo e canela. (FD Amadiana)

(24) Nos arredores, os espaços que serviram de cenário para as histórias de Amado conferem charme ao passeio, como o bar Vesúvio, com mesinhas na calçada, e o cabaré Bataclan, com salas para exposições e shows. (FD Amadiana)

(31) Tombado pelo IPHAN, o patrimônio anterior ao ano de 1550 é formado pelas ruínas da fazenda de Santana, uma das mais antigas do país. A melhor maneira de conhecer as construções é através de passeios de barco que descortinam bonitas paisagens de Ilhéus, além de fauna e flora típicas do manguezal. Os roteiros incluem trilhas, visitas a fazendas da região e restaurantes com comidas tradicionais – destaque para os frutos do mar e a galinha caipira. (FD Não-Amadiana)

Podemos observar que as FDs Amadiana e Não-Amadiana se aproximam

através desse princípio. Os elementos dispostos nos enunciados compartilham da mesma condição de atrativo turístico, expostos na vitrine hipermediática da *internet*. Em (7) " mais uma opção para sua noite de Shows e eventos.", (22) "*Um ponto que não pode faltar no seu roteiro é o Bar Vesúvio ...* ", (24) "conferem charme ao passeio", (13) "A melhor maneira de conhecer as construções é através de passeios de barco...", podemos ver explicitamente o sentido de algo a ser visto, através da referência ao "passeio" e ao "roteiro" a ser seguido. Podemos perceber também que a posição de interlocutor criada nesses enunciados é a de turista, que ao viajar busca algo de diferente, busca conhecer algo, independente da FD em que se encontre o enunciado. O que está em jogo é o consumo visual dos bens patrimoniais.

Os sujeitos interlocutores constituídos nos enunciados apresentam uma forma de olhar específica sobre os objetos. Existe uma diferença do tipo de olhar do sujeito que quer fotografar a igreja de estilo gótico, para levar guardado como prova do acontecimento, do olhar de um habitante que vai rezar na igreja pedindo e agradecendo as graças alcançadas. Ocorre uma dessacralização do olhar, entramos na era do visual (DEBRAY, 1998). O específico do olhar turista é que ele está ligado ao consumo do visual, se diferenciando do olhar sacralizado do devoto.

Esse olhar pressupõe, portanto, um sistema de atividades e signos sociais que localizam práticas turísticas, não em termos de algumas características intrínsecas, mas através de contrastes implicadas com práticas sociais não-turísticas, sobretudo aquelas baseadas no lar e no trabalho remunerado (URRY, 2001, p16).

O olhar do turista é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que o separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que é habitual. O direcionamento do olhar do turista implica freqüentemente

diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais do campo e da cidade, muito maior do que aquela encontrada normalmente na vida cotidiana. Por isso, a busca por 'bonitas paisagens de Ilhéus'(31). As pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. Eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente (URRY, 2001).

As três mídiasferas propostas por Régis Debray (1998), ao analisar a história do olhar no ocidente, ajudam a entender esse olhar do turista em contraposição de outras formas de olhar. Nas categorias propostas, temos a Logosfera – era dos ídolos; a Grafosfera – era da Arte; e a Videosfera – era do visual. Cada uma dessas eras descreve um meio de vida e de pensamento, um certo horizonte de expectativa do olhar.

Na logosfera, o ídolo não é uma questão estética, mas religiosa, com implicações diretamente políticas, é, pois, uma questão de crença. Na grafosfera, a arte conquista sua autonomia em relação à religião, embora continuando subordinada ao poder político, é sobretudo uma questão de gosto. Na videosfera, a esfera econômica decide sozinha a respeito não só do valor, mas também da distribuição das imagens; é uma questão de poder de compra. Nenhuma mídiasfera exclui a outra, elas se sobrepõem, se imbricam uma na outra. São dominâncias sucessivas por revezamento de hegemonias, podendo ser percebidas estas formas de olhar em conjunto, participando do mesmo contexto (DEBRAY, 1998).

A expectativa do olhar do sujeito turista, posição de sujeito interlocutor presentes nos enunciados das duas FDs, está pautada pelos valores descritos na era 2 e na era 3 sobrepostos e imbricados. Um olhar que busca uma *visão panorâmica* (15), belas imagens e paisagens (23, 24), que significa uma forma de

olhar dessacralizada, independente de crenças religiosas, ligadas à noção de arte e do belo. Mesmos que as imagens sejam religiosas, o que está em questão é a contemplação do espaço como uma *“belíssima paisagem de Ilhéus que deve fazer parte do roteiro”*(24). Interessante notarmos a associação dos lugares, que além de apresentarem características estilísticas próprias, ‘atraem’ também como pontos de onde podem ser fruídas paisagens da cidade (15, 35).

O sentido de contemplação do Patrimônio, embora possa ser visto agir implicitamente e explicitamente nas duas FDs, na FD Não-Amadiana age mais explicitamente. Na ausência de uma referência marcante como Jorge Amado, a valorização dos bens patrimoniais representados nessa formação vão estar ligados majoritariamente à contemplação dos locais. Essa característica pode ser percebida nas referências aos estilos arquitetônicos das igrejas e construções e nas alusões às idéias de paisagem e beleza (5, 11, 12, 13, 15, 30, 60).

Nesse sentido, encontramos o que Fonseca (2005) aponta, quando afirma que os principais valores atribuídos ao Patrimônio são regulados pelas noções de história e de arte, que se articulam sobre categorias de tempo e espaço. “A primeira, enquanto reelaboração do passado, a segunda, enquanto fruição *in presentia*” (p.51). Essas duas noções são articuladas nos enunciados, que vão invocar o valor artístico através da menção do estilo arquitetônico e o valor histórico, através de datas e personagens históricos.

Os enunciados são afirmativos, mobilizando sentidos que focam no que tal signo “é” e não em “*como veio a ser*” ou “*como está sendo*”, como podemos conferir no enunciado (30) *Com uma arquitetura primitiva de encantadora beleza, a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus é a mais antiga da cidade, erguida em 1556*. Nesse enunciado e nos demais supracitados, não existem questionamentos ou indicativos

dos processos de constituição; a data de criação e o suposto estilo arquitetônico já conferem significado ao elemento, mesmo que isso custe o apagamento dos atores sociais e a falta de veracidade no enunciado (a igreja mais antiga do município é a Capela de Santana de 1548). Ocorre uma naturalização dos significados, como se fossem intrínsecos aos objetos e não frutos de processos históricos. O que está em jogo é o aspecto cenográfico que se tenta construir para competir no mercado mundial do turismo, no mercado mundial de consumo do visual (MOTTA, 2000).

Lia Motta (2000), ao analisar as formas de apropriação do patrimônio urbano no Brasil durante o século XX, identifica esse sentido de mercadoria dado ao Patrimônio a partir dos anos 90. Esse período corresponderia a uma terceira fase no tratamento dado aos bens patrimoniais no Brasil, tendo como base os modelos de intervenção adotados. As outras duas fases seriam relativas a um momento inicial, protagonizado pelo IPHAN, no qual o sentido de Patrimônio estava ligado a interesses nacionais de construção identitária. A segunda fase se constituiria a partir da década de 80, quando o conceito de Patrimônio se expandiu, abarcando manifestações que não tinham necessariamente um passado colonial, ou ligações com os grupos dominantes.

Após os anos 90, acontece o que Lia Motta classifica como um retrocesso no tratamento do patrimônio: o conflito entre as exigências impostas pela concepção do patrimônio como um documento e o tempo do capital, que visa o retorno rápido dos investimentos e a lucratividade, deslocam os sítios históricos de seu “lugar de patrimônio” para um lugar no mercado de consumo visual.

Como foi possível perceber nos enunciados, está implícita a condição do Patrimônio ser uma opção dentro de um leque de opções que fazem parte de um roteiro a ser seguido pelo turista. Os Patrimônios Históricos assumem a função

econômica e cenográfica de formação da imagem do local. Através desses enunciados, vão sendo elaboradas representações destes Patrimônios no intuito de “vendê-los” como o diferente, motivo que incita a visita, como fica explícito nas expressões “Vale a pena conferir” e “Não pode faltar no seu Roteiro”.

Na idéia de ‘*atrativos culturais*’, seja ele da FD Amadiana ou Não-Amadiana, a cultura é objetificada tomando um sentido de mercadoria. Essa mercantilização corresponde a uma característica da sociedade ocidental: a produção e o consumo de bens e símbolos e sua exposição num mercado globalizado. De acordo com Sahlins (2003), na cultura ocidental a economia é o *locus* principal de produção simbólica. Para o autor, a produção de mercadorias é ao mesmo tempo o modo privilegiado da produção simbólica e de sua transmissão. O simbolismo econômico é estruturalmente dominante.

Nesse contexto, os bens culturais passam a ter seu interesse ampliado como referências de identidades, mas, ao mesmo tempo, aproximam-se da noção de mercadoria, associando os referenciais de identidade à possibilidade de seu consumo. Passam a representar um poder e um status diretamente ligado ao mercado, adquirindo um valor simbólico a ele associado (MOTTA, 2000, p.261).

A tentativa de construção simbólica de uma “cultura regional” ocorre principalmente através da referência à cultura do cacau, princípio que atravessa as duas FDs, como vimos no capítulo anterior. Como afirma Motta (2000), essas referências de identidade aproximam-se da noção de mercadoria, como podemos observar em:

(14) *Histórias dos tempos áureos da cacauicultura podem ser revividas no Bar Vesúvio e no Cabaré Bataclan, antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela, hoje transformados em atrações turísticas de visita obrigatória, no quarteirão Jorge Amado. (FD Amadiana)*

(69) *Cristo Redentor : Estátua de 7,5 metros de altura, situada na entrada da barra, na avenida 2 de Julho. Inaugurada durante o governo municipal de Mário Pessoa, serve de referência estética, ética e religiosa para o povo de Ilhéus. (FD Não-Amadiana)*

Em (14), enunciado Amadiano, a referência a traços da identidade local é percebida pela afirmação da possibilidade de se reviver os *tempos áureos do cacau*, princípio que recorta as duas FDs, que enfatizam a condição de Ilhéus ser a ‘terra do cacau’ – vide a divisão de zonas turísticas feita pelo Governo do Estado. Sua aproximação da noção de mercadoria ocorre explicitamente ao afirmar que o Bataclan e o Vesúvio são *atrações turísticas de visitação obrigatória*, ou seja, são dois dos principais produtos turísticos a serem consumidos pelos turistas que por Ilhéus passam.

No enunciado (69), pertencente a FD Não-Amadiana, a referência de traços identitários fica por conta de generalização do *Cristo Redentor* como sendo uma “*referência est tica,  tica e religiosa para o povo de Ilhéus*”, forjando a idéia de unidade do ‘*povo de Ilhéus*’, o que implicitamente reforça o princípio de exclusão de outras referências históricas e religiosas presentes no município. Sua aproximação com o sentido de mercadoria se d  implicitamente através do co-texto presente na página, ou seja, seus *links* e a apresentação de outros produtos turísticos.

A busca pelo êxito na motivação do turista é explicitada também através do estilo adotado nos enunciados. A exaltação da beleza e indicação de um roteiro a ser seguido pelos possíveis visitantes ficam marcadas nos enunciados, como podemos observar a seguir:

(28) *Considerada uma das mais bonitas igrejas do estado.* (FD Não Amadiana)

(15) (...) *  fundamental também conhecer a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus*(FD Não Amadiana)

(22) *Um ponto que não pode faltar no seu roteiro.* (FD Amadiana)

(30) *Com uma arquitetura primitiva de encantadora beleza.* (FD Não Amadiana)

(14) (...) *antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela, hoje*

transformados em atrações turísticas de visitação obrigatória. (FD Amadiana)

O convite à experimentação de sensações causadas pelas belas paisagens e objetos históricos é feito em conjunto com a enfatizada obrigatoriedade da visitação, que contribui na cooperação estabelecida entre as FDs. Aqui as FDs reforçam-se, pois se na FD Amadiana, *‘antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela, foram transformados em atrações turísticas de visitação obrigatória’, ‘é fundamental também conhecer’* a Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus e outros marcos religiosos da FD Não-amadiana. Percebe-se que a FD Não-Amadiana não nega a obrigatoriedade da visitação dos marcos amadianos, colocando como uma adição aos atrativos também obrigatórios. O *‘também’*, que dá o sentido de adição na oração, reforça implicitamente a obrigatoriedade da visitação aos atrativos culturais Amadianos.

Podemos perceber, ainda se tratando do estilo, a utilização de vocábulos que tentam seduzir o usuário através da exaltação do belo, da construção simbólica da paisagem do local. Enunciados como *“uma das mais bonitas igrejas”* e *“encantadora beleza”* tentam persuadir os potenciais visitantes à viajarem. Os dois enunciados abaixo reforçam essa característica:

[...] emolduradas por um mar azul-esverdeado que muda seu tom junto com as estações do ano. É uma cidade fascinante, que tem na culinária afrodisíaca à base de peixes, lagostas, camarões, caranguejos e mariscos um convite ao mundo dos sonhos. Seus inúmeros atrativos históricos e culturais envolvem os visitantes, [...] (FériasBrasil)

[...] A capital da costa do cacau, de tanta memória, cultura e beleza, exerce uma autêntica atração irresistível sobre os visitantes. Ilhéus, cenário que inspirou a criatividade do escritor Jorge Amado, fascina e envolve a todos. [...] (Ilhéus Virtual)

A enunciação publicitária se organiza em torno de interesses de ordem econômica: a empresa comercial/anunciante, buscando atingir e convencer consumidor da publicidade a se tornar consumidor do produto. Para isso, tenta captar a atenção e influenciar instância de recepção, através de configurações textuais que incitem os sujeitos destinatários, interpelando-os como indivíduo que possui um desejo e uma necessidade (LYSARDO-DIAS, 2005).

Percebemos, através do uso de expressões do tipo “*emoldurada*”, “*uma cidade fascinante*”, “*um convite ao mundo dos sonhos*” estratégias de sedução pautadas na fantasia, no sonho que fascina, no belo. A natureza e o Patrimônio compõem o cenário a ser desfrutado através da visão e dos outros sentidos. A localidade pode ser contemplada como um quadro *emoldurado* pelo mar, pode levar ao êxtase proporcionado por comidas do “*mundo dos sonhos*”. Ora, as experiências turísticas envolvem aspectos ou elementos que induzem experiências prazerosas, únicas. Nos enunciados tenta-se seduzir o potencial turista pelos sentidos, através de experiências sinestésicas, “*emolduradas por um mar azul-esverdeado que muda seu tom junto com as estações do ano*”, e pelo paladar como em “*tem na culinária afrodisíaca à base de peixes, lagostas, camarões, caranguejos e mariscos um convite ao mundo dos sonhos*”. Cada experiência dessa não pode ser comum, a culinária “*afrodisíaca*” é um convite ao mundo dos sonhos.

[...] os objetos potenciais do olhar do turista precisam ser diferentes de algum modo. Precisam situar-se fora do que é ordinário. As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam em sua vida cotidiana (URRY, 2001, p.28).

Nesse aspecto, podemos perceber que também não existe diferenciação no tratamento entre a FD Amadiana e a Não-Amadiana. Mais uma vez, elas estão unidas pelo mesmo propósito, o de criar um imaginário prazeroso para o turista.

Para isso, são atribuídos valores aos elementos com o intuito de criar um diferencial. Em (22), no Bar Vesúvio “...os visitantes poderão conhecer inúmeras histórias sobre a época das capitânicas e fazendas de cacau. Aí se deu também o cenário do romance de Jorge Amado: *Gabriela cravo e canela*.” Podemos perceber que ocorre uma tentativa de supervalorização dos elementos através da utilização de mais de um argumento para o mesmo Patrimônio: no Bar Vesúvio o turista pode conhecer histórias da capitania, pode também conhecer histórias das fazendas de cacau, e tudo isso num ambiente onde ocorreu o romance entre *Gabriela e Nacib*.

Podemos perceber uma contradição agindo nesse anunciado por conta da referência à época das capitânicas ao bar Vesúvio, construção do início do século XX, e um dos elementos mais marcantes da FD Amadiana. Contradição que reforça a idéia de aliança entre as FDs no discurso. A época das capitânicas é um tempo histórico que alguns enunciados da FD Não-Amadiana vão se referir, pertencendo a uma época não retratada pelas narrativas Amadianas. A utilização desse argumento contraditório serve como uma espécie de supervalorização do objeto Amadiano, através de um princípio da FD Não-amadiana. Ou seja, a cooperação entre as FDs chega ao ponto de possibilitar a passagem de um princípio de uma para outra, na medida em que se tenta construir uma supervalorização do objeto representado.

Como foi possível observarmos, as FDs Amadiana e Não-Amadiana mantêm uma relação de cooperação, na medida em que são construídas sobre as coerções do gênero publicitário. No quadro abaixo estão expostos os pontos de cooperação entre as duas FDs:

Pontos de Cooperação entre as FDs Amadiana e Não-Amadiana
<ul style="list-style-type: none"> • O Patrimônio Histórico de Ilhéus é um atrativo turístico, fazendo parte do conjunto de produtos turísticos da cidade, o que aproxima as referências identitárias à noção de mercadoria.

- As duas FDs criam em seus enunciados como posição de interlocutor o sujeito turista, que ao viajar busca algo de diferente, busca conhecer algo para ser consumido visualmente.
- Os Patrimônio Históricos apresentados nas duas FDs contribuem para a construção da imagem de Ilhéus, cumprindo assim uma função cenográfica.

3.2 A incidência das FDs no gênero e a hegemonia Amadiana

Como pudemos observar, algumas características se fazem comuns às FDs Amadiana e Não-amadiana, estabelecendo-se, assim, uma relação de cooperação. Porém, as FDs vão estabelecer limites entre elas, inscrevendo particularidades na apropriação que fazem das características gerais do gênero publicitário.

Como observamos no capítulo anterior, o conteúdo presente nas FDs que interagem no discurso sobre o Patrimônio de Ilhéus é constituído por elementos que fazem referência à vida de Jorge Amado e a sua obra, *Gabriela Cravo e Canela*, na FD Amadiana, e símbolos da Igreja Católica e da “Época de ouro” do cacau, na FD Não-amadiana. Na medida em que, como ficou constatado, o Patrimônio assume um papel econômico e cenográfico de formação da imagem do local, podemos perceber uma dominância da FD Amadiana sobre a Não-Amadiana.

A quantidade de citações, bem como a utilização de imagens do Patrimônio Amadiano, coloca essa FD em situação de hegemonia sobre a Não-Amadiana. A tabela abaixo ilustra a quantidade de enunciados encontrados nos *sites* pesquisados em que cada bem patrimonial é citado.

Patrimônio		QS	EV	EI	Total de Enunciados
Antigo Porto	Não-Amadiano	1	1	1	2
Associação Comercial de Ilhéus	Não-Amadiano	1	1	-	1
Avenida Antônio Lavigne de Lemos	Não-Amadiano	2	3	-	3
Bataclã	Amadiano	9	10	1	11
Capela de Nossa Senhora das Vitórias	Não-Amadiano	1	1	-	1
Capela Nossa Senhora de Lourdes	Não-Amadiano	1	1	-	1
Casa de Cultura Jorge Amado	Amadiano	11	11	4	15
Casa dos Artistas	Não-Amadiano	3	2	1	3
Catedral São Sebastião	Não-Amadiano	8	6	8	14
Convento e Igreja de Nossa Senhora da Piedade	Não-Amadiano	7	5	5	10
Cristo Redentor	Não-Amadiano	2	1	2	3
Engenho e Capela de Santana	Não-Amadiano	3	4	1	5
Estátua de Sapho	Não-Amadiano	2	3	-	3
Grupo Escolar General Osório	Não-Amadiano	1	1	-	1
Igreja de Nossa Senhora da Escada	Não-Amadiano	2	1	1	2
Igreja Matriz de São Jorge dos Ilhéus	Não-Amadiano	8	5	1	6
Ilhéus Hotel	Não-Amadiano	1	1	-	1
Marco de Fundação	Não-Amadiano	2	2	-	2
Museu de Arte Sacra	Não-Amadiano	2	2	-	2
Museu Regional do Cacau	Não-Amadiano	2	3	-	3
Palacete Misael Tavares	Não-Amadiano	2	3	2	5
Palácio do Paranaguá	Não-Amadiano	4	3	-	3
Praça do Cacau	Não-Amadiano	1	1	1	2
Rio do Braço	Amadiano	1	2	-	2
Teatro Municipal	Não-Amadiano	5	4	6	10
Vesúvio	Amadiano	11	15	5	20

QS: Quantidade de *sites* em que aparece citado; EV: Quantidade de enunciados verbais em que aparece citado; EI: Quantidade de enunciados Imagéticos em que aparece.

Os símbolos apontados como patrimônio de Ilhéus são, em sua maioria, marcos históricos e culturais de grupos dominantes na estrutura social da cidade, tanto uma como noutra FD. Por um lado, temos símbolos da Igreja Católica, representada por nove dos vinte e cinco elementos encontrados. Outros treze elementos encontrados fazem menção “à época de ouro do cacau”, princípio que

atravessa as duas FDs, sendo formados por construções oriundas dos grupos dominantes da região no início do século XX. Desses doze, quatro são pertencentes à FD Amadiana, tendo seu valor atribuído através da menção ao escritor Jorge Amado e seu livro *Gabriela, Cravo e Canela*: O antigo cabaré Bataclã, o Bar Vesúvio, o distrito de Rio do Braço e a Casa de Cultura Jorge Amado, antiga residência do escritor.

Embora o número de elementos pertencentes à FD Amadiana seja menor do que o numerário da FD Não-Amadiana, a quantidade de *sites* e enunciados em que os elementos amadianos aparecem citados marca a hegemonia da FD. Destes, o Bar Vesúvio e a Casa de Cultura Jorge Amado são os que mais aparecem, tanto em quantidade de sítios que aparecem citados, estando em onze dos doze investigados, quanto na quantidade de enunciados encontrados *sites*, 20 e 15 respectivamente.

Outros elementos como a Casa dos Artistas, Estátua de Sapho, Marco de Fundação, Museu Regional do Cacau, Museu de Arte Sacra, Praça do Cacau, Palácio do Paranaguá, Antigo Porto, Grupo Escolar General Osório, Associação Comercial de Ilhéus, Avenida Antônio Lavigne de Lemos, Igreja de Nossa Senhora da Escada, Capela de Nossa Senhora das Vitórias, Capela Nossa Senhora de Lourdes e o Cristo Redentor, todos pertencentes a FD Não-Amadiana, não aparecem mais que três vezes. Mesmo se aparecessem com mais recorrência, não sairiam de um 'poder dizer' instituído pelos Aparelhos Ideológicos, calcados nas representações da igreja e dos grupos dominantes.

Como analisamos anteriormente, o turismo como uma necessidade moderna, utiliza-se do patrimônio como um dos fatores de atratividade das localidades, ou seja, são elementos que exercem influência significativa na tomada de decisão do turista com relação ao seu destino de viagem e de seu roteiro (VAZ, 2001). Ainda

segundo Vaz, esses atrativos devem, de preferência, constituir-se em aspecto diferencial de uma cidade, algo que a caracterize particularmente, que se possa associar imediatamente à localidade. Para isso, a publicidade retoma saberes supostamente comuns que estabelecem uma identificação com os sujeitos receptores de forma a tornar a mensagem familiar e, assim, de mais fácil assimilação (LYSARDO-DIAS, 2005).

Nesse sentido, A FD Amadiana utiliza-se de toda a publicidade que conseguiu Jorge Amado e suas obras ambientadas no município, para criar as peculiaridades de Ilhéus. Quanto a isso, Simões (2002), ao analisar a influencia da literatura no fluxo turístico de Ilhéus, afirma que os livros de Jorge Amado fazem o leitor-turista (aquele que "visita" a cidade de Ilhéus, apresentada nas páginas dos vários livros da saga cacauera e suas adaptações para TV e cinema), passar à condição de turista-leitor, (que desloca-se em busca de reconhecer a cidade palco da literatura Amadiana).

Ao reiterar a importância de Jorge Amado para a cidade de Ilhéus, a FD Amadiana presente em *sites* de turismo insere-se num processo de valorização simbólica de Jorge Amado e suas obras, em especial *Gabriela Cravo e Canela*. O autor e suas obras passaram pelo complexo processo que Thompson (1995) chama de valorização das formas simbólicas. "Valor simbólico é aquele que os objetos têm em virtude dos modos pelos quais, e na extensão em que, são estimados pelos indivíduos que os produzem e recebem" (THOMPSON, 1995. p.203).

O processo de valorização das obras de Jorge Amado já vinha de longa data, na medida em que o autor já tinha sido premiado em diversas partes do mundo pela sua literatura. A obra literária de Jorge Amado foi adaptada para cinema, teatro e televisão. Seus livros foram traduzidos em 55 países, em 49 idiomas, existindo

também exemplares em braile e em fitas gravadas para cegos. O autor ainda recebeu diversos prêmios⁶. Recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Argentina, do Chile, da Espanha, da França, de Portugal e da Venezuela, além de ter sido feito Doutor *Honoris Causa* por dez universidades, no Brasil, na Itália, em Israel, na França e em Portugal (Fundação Casa de Jorge Amado, 2006).

Porém, foi com a adaptação de *Gabriela Cravo e Canela* para a TV e para o cinema, meios de comunicação de massa, que o imaginário da cidade de Ilhéus foi difundido para outras partes do país e do mundo, tornando Ilhéus um lugar a ser visitado. A divulgação da cidade e da Bahia provinda das adaptações para cinema e para TV foi aproveitada de forma intensiva pelo governo do Estado, que então orientou sua política cultural no sentido de promoção do turismo e na formação de uma identidade baiana.

A novela Gabriela colocou a Bahia no imaginário do brasileiro como um local que teria de ser visitado. A estrada BR101 havia sido inaugurada em 1972, de modo que desde 1977, quando foram apresentados os últimos capítulos da novela, centenas de turistas visitaram Ilhéus, e, por extensão, Salvador. Ficava claro que o turismo seria uma alternativa de emprego e renda para o estado, sendo necessário aproveitar a oportunidade da publicidade proporcionada pela novela. Ao assumir o governo do estado pela segunda vez, em 1979, ACM decide envidar esforços para consolidar a imagem da Bahia como um espaço de cultura e lazer, capitalizando em cima dos principais traços divulgados pela novela sobre como seriam os baianos: seres que vivem com volúpia num espaço tropical, sempre propensos a lubricidade, praticada às mancheias nas praias, festas e danças (ALMEIDA, 2000, p.6).

A novela acaba em 1977, fazendo com que a cidade seja visitada por

⁶ A obra de Jorge Amado mereceu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre os quais destacam-se: Stalin da Paz (União Soviética, 1951), Latinidade (França, 1971), Nonino (Itália, 1982), Dimitrov (Bulgária, 1989), Pablo Neruda (Rússia, 1989), Etrúria de Literatura (Itália, 1989), Cino del Duca (França, 1990), Mediterrâneo (Itália, 1990), Vitaliano Brancatti (Itália, 1995), Luís de Camões (Brasil-Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1997) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997). (Fundação Casa de Jorge Amado, 2006)

turistas que queriam conhecer o local descrito nas ficções de Jorge Amado, as histórias dos coronéis e jagunços, elementos desse imaginário do cacau difundido pelo autor. A valorização de alguns símbolos da cidade, operada pela novela, fez com que surgisse o interesse na preservação do patrimônio histórico da cidade. A Fundação Casa da Cultura de Ilhéus foi criada em 1978, tendo como um dos objetivos a preservação do patrimônio histórico da cidade, dando atenção aos símbolos da cultura do cacau.

Nesse processo, a atividade turística vai estabelecer uma relação direta entre valorização simbólica e valorização econômica. Essa relação fica explícita em (14), onde a argumentação começa com a valorização dos símbolos amadianos como representantes da história de Ilhéus, pois nos marcos amadianos “*Histórias dos tempos áureos da cacauicultura podem ser revividas*” e expõe a sua condição de produto turístico, na medida em que “*antigos cenários do romance Gabriela, cravo e canela*” foram “*transformados em atrações turísticas de visitação obrigatória*”.

Assim, como foi visto no capítulo anterior, nesta FD a história de Ilhéus é a história da cultura do cacau, que por sua vez é tematizada através da literatura de Jorge Amado, principalmente *Gabriela, cravo e canela*. A idéia de cultura ilheense é objetificada através de elementos que fazem parte do universo narrado pelo escritor. Em (22), podemos perceber este mesmo sentido perpassando o discurso. Nesse enunciado, o bar Vesúvio, cenário do romance entre Nacib e Gabriela, é um local onde os visitantes podem conhecer inúmeras histórias sobre a época das capitânicas e das fazendas de cacau. Bens como o vesúvio, casarões e bares exibem toda a *opulência dos anos majestosos do “ouro negro”*. A contradição que age nesse enunciado, discutida anteriormente, que coloca o Vesúvio como um local onde se

podem conhecer histórias da capitania, tempo histórico diverso daquele representado pela obra de Jorge Amado, colabora para o fortalecimento do princípio que exalta Jorge Amado como o responsável por contar a história de Ilhéus, além de marcar a hegemonia da FD Amadiana.

Tal hegemonia pode ser percebida também através das ações de preservação do Patrimônio no município de Ilhéus, que são mais recentes do que a nível nacional. Podemos enquadrar seu desenvolvimento na terceira fase apontada por Motta, descrita anteriormente, onde os valores ligados ao Patrimônio se encontram ligados à idéia de consumo. Neste sentido, a FD Amadiana vai influenciar sobremaneira as discussões sobre o Patrimônio em Ilhéus, colocando, desta forma, o turismo como um importante influenciador na seleção e nos investimentos voltados para a preservação e valorização do patrimônio histórico da cidade de Ilhéus. Como já foi dito, os principais motivadores deste processo são as obras de Jorge Amado, em especial *Gabriela, cravo e canela*, que ao serem adaptadas pela TV e pelo cinema, difundiram Ilhéus num mercado globalizado do turismo.

Na Bahia, o órgão responsável pelos processos de tombamento e proteção do patrimônio do estado, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, tem a sua história vinculada aos interesses turísticos. Antes de se tornar autarquia o órgão era conhecido como Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – FPACBa, regulamentada pelo Decreto 20.530 de 03/1/1968. Nas finalidades expostas no decreto consta:

Serão turísticos e culturais os fins da Fundação que se prendem dentro do binômio cultural e turismo, à estabilização, restauração, conservação e aproveitamento condigno dos bens, imóveis e móveis de interesses artísticos e históricos para fins de seu conhecimento, promoção e adequada utilização como centro turístico e de difusão cultural (Decreto 20.530, Cap. L, art.3º).

Em Ilhéus, a primeira iniciativa que consta com intuito de proteção do

Patrimônio Histórico e Artístico corresponde à lei nº 1.183 de 1978, que institui a Fundação Casa da Cultura de Ilhéus, tendo como uma de suas competências cooperar para a defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico do Município. Interessante notarmos que a data é posterior à veiculação da novela. Antes disso, o sentido dado a patrimônio em documentos públicos está voltado a posse territorial do município, não contendo em si o sentido de representação histórica no sentido moderno.

Na década de 1980, vê-se intensificar, através de documentos oficiais, ações por parte do município com intuito à proteção do Patrimônio. Como exemplos temos as leis: nº 2.175 de 1985 que dispõe sobre o uso e ocupação do solo no Município de Ilhéus, delimitando construções de interesses histórico e cultural.; nº 2.312 de 1989 que cria o centro histórico de Ilhéus; nº 2.314 que institui os critérios de tombamento. Outros decretos e tombamentos foram publicados no ano de 1989.

Se durante a década de 1980 são criadas leis de proteção, tombamento e outros meios legais de proteção ao patrimônio, porém é no final da década de 1990 e início de 2000 que o poder público municipal vai concentrar esforços para a revitalização do centro histórico da cidade, criado em 1989. São criados os roteiros turísticos Cravo e Canela, o quarteirão Jorge Amado, investe-se na recuperação do Bataclan, Vesúvio e outros prédios ligados FD Amadiana. As imagens destes elementos vão ser recorrentes nas representações de Ilhéus em *sites* e outros meios de comunicação.

O desenvolvimento do potencial turístico de Ilhéus passa então a fazer parte dos discursos políticos. Em entrevista concedida ao jornal *A Região* em 30 de Junho de 2002, o então prefeito Jabes Ribeiro deixa explícita a íntima relação entre turismo, investimentos no Patrimônio e as obras de Jorge Amado:

A partir de tais equipamentos vai se poder fixar o turista em Ilhéus com a exploração dos turismos cultural e ecológico. O governo já reergueu o Teatro Municipal, a Casa de Jorge Amado, o Vesúvio recuperado, com novo visual, o Quarteirão Jorge Amado reurbanizado, o Memorial da Cultura Negra que vamos inaugurar no Dia da Cidade, o Bataclan com inauguração prevista para agosto. (Jabes Ribeiro, *A Região*, 30/6/2002)

A FD Amadiana pode ser percebida no discurso do prefeito citado acima. Dentre os elementos enumerados, somente dois não fazem parte do universo amadiano: o Teatro Municipal e o memorial da cultura negra⁷. Todos os outros, Casa de Jorge Amado, Bataclan, Vesúvio e o Quarteirão Jorge Amado, fazem referência ao autor e sofreram intervenções pelo poder público, com o objetivo, como destaca o prefeito, de fixar o turista em Ilhéus com a exploração dos turismos cultural e ecológico.

Acontece uma espécie de tematização amadiana do patrimônio histórico de Ilhéus. Na revitalização do centro histórico foram construídos dois roteiros: *roteiro Cravo* e *roteiro Canela*. Essa tematização da cultura ilheense não fica restrita às figuras fictícias das obras do escritor. O próprio Jorge Amado se tornou um personagem a ser explorado/homenageado/valorizado, como apontam os enunciados sobre a Casa de Jorge Amado:

(56) *Casa de Cultura Jorge Amado*

Construída no início da década de 20, pelo pai de Jorge Amado, a casa foi inaugurada aproximadamente em 1929. Com grandes salões e escadarias, a importância desta é que ali o escritor Jorge Amado passou parte de sua vida e escreveu o romance País do Carnaval. Mais tarde a casa foi vendida para outras famílias, vindo depois a ser utilizada como Faculdade de Direito de Ilhéus. Hoje a CASA DE CULTURA JORGE AMADO funciona como museu, contígua à Fundação Cultural, Academia de Letras e Instituto Histórico de Ilhéus. Fica na Rua Jorge Amado, 21.

(76) *Casa de Jorge Amado (1929): Hoje está sendo transformada no Centro Cultural Jorge Amado, com exposição permanente da obra do escritor, além de atividades*

⁷ O memorial da Cultura Negra foi fechado em 2005, com o intuito de se achar um local mais “apropriado” para o acesso do turista. Até então o Memorial funcionava no centro da cidade, afastado do Quarteirão Jorge Amado. Até o final dessa dissertação o local ainda não foi reaberto.

culturais e uma biblioteca; Rua Jorge Amado, 21 (Centro).

Como é possível perceber, os roteiros turísticos do município são baseados na figura do autor além das suas obras. A existência da Casa de Cultura Jorge Amado, equipamento turístico realizado com verbas do município, demonstram a hegemonia da FD Amadiana nas políticas públicas voltadas para o turismo de Ilhéus. Observemos a figura abaixo:



(Figura 1: página *Quarteirão* do site *Ilhéus Praia Hotel*)

A página acima, pertencente ao *site Ilhéus Praia Hotel*, tem o título de *Quarteirão Jorge Amado*. Dentro do *site*, o acesso a tal página é possível através do *link Quarteirão*, que pode ser visto na parte superior esquerda. Vemos aí o primeiro indício da hegemonia da FD Amadiana: o *site* conta com uma página exclusiva sobre o *Quarteirão Jorge Amado*, circuito turístico criado pelo governo municipal. A

hegemonia dos elementos amadianos fica explícita em diversos elementos dispostos na página, a começar pela imagem estilizada do autor na parte direita. De camisa estampada e semi-aberta, a figura representa um Jorge Amado próximo do estereótipo do turista.

O texto presente na página está dividido em dois parágrafos, considerados aqui como dois enunciados. O primeiro apresenta o *Quarteirão Jorge Amado* como um projeto da Secretaria de Turismo de Ilhéus, o segundo apresenta elementos do roteiro turístico do *Quarteirão*. É possível notar no segundo enunciado, alguns elementos pertencentes à FD Não-Amadiana:

A Catedral de São Sebastião, o Vesúvio, o Teatro Municipal, o Antigo Porto, a Casa do Coronel Ramiro, a Casa do Coronel Misael, o Bataclan, a Casa de Tonico Bastos, a Igreja-Museu de São Jorge, a Casa dos Artistas, o Cristo Redentor, o Restaurante Os Velhos Marinheiros e agora o **Restaurante Gabriela Cravo e Canela** localizado no interior do **Ilhéus Praia Hotel**, os principais pontos do roteiro, estão identificados por *banners* que relacionarão o espaço às obras e à vida de Jorge. O Quarteirão que terá mais de 2 Km² de área, ganhará Postes Temáticos durante todo percurso para a identificação.

Os grifos do texto são do próprio *site*, servindo para destacar os nomes do Hotel e do restaurante localizado no seu interior, com o sugestivo nome de Gabriela Cravo e Canela, marcando a hegemonia das referências da FD Amadiana. Os outros elementos não grifados, dentre eles elementos pertencentes a FD Não-Amadiana, complementam o roteiro que é tematizado através das *obras* e da *vida de Jorge*. A cooperação das FDs é marcada, dessa forma, por uma hegemonia da FD Amadiana, que se faz presente através das imagens, textos e links.

As referências que se fazem ao Vesúvio, ao Bataclan e à casa de Jorge Amado na FD Amadiana contribuem para a formação do enquadramento histórico de Ilhéus através dos seus símbolos. Tais bens foram investidos de valor a partir de sua apropriação no romance *Gabriela Cravo e Canela*, sendo retratados como bens

representativos de uma época. Percebemos que estes bens são retratados como cenários das obras de Jorge Amado (4,14, 22, 21).

O fato de Jorge Amado ser o principal difusor da imagem de Ilhéus no Brasil e no Mundo fez com que os investimentos públicos na preservação do patrimônio até então, priorizassem os elementos representativos da época retratada em *Gabriela Cravo e Canela*, conhecida localmente como época de ouro do cacau, e/ou a imagem do próprio Jorge Amado, como é o caso da casa de Cultura Jorge Amado. A FD Amadiana, ao utilizar como principal valor simbólico atribuído a determinados bens a referência das obras de Jorge Amado e ao tempo histórico por ele narrado, vai impor hegemonicamente a imagem de Ilhéus ligada a esses referenciais. O caso do Vesúvio e do Bataclan são os mais notórios.

Podemos perceber também que a tematização do turismo de Ilhéus operada pela FD Amadiana, ao se basear em *Gabriela Cravo e Canela*, implica uma perspectiva ideológica específica da saga do cacau descrita por Jorge Amado. Segundo Ribeiro (2001), *Gabriela Cravo e Canela*, principal obra utilizada na promoção de Ilhéus, reflete o paradigma 'pessoísta' de representação da história regional. O pessoísmo, corrente política identificada por Ribeiro, tem seu nome derivado do coronel Antônio Pessoa, que comandou um grupo político na região no final do século XIX e início do XX. Pessoa forjou uma versão histórica de Ilhéus, na qual os coronéis eram retratados como pessoas humildes que conseguiram vencer na vida através do seu próprio esforço.

Esse discurso está presente em uma série de textos históricos, técnicos e literários do início do século XX, nas quais foi criada uma versão mítica da história regional baseada na memória coletiva de um grupo seletivo da sociedade ilheense. Ficam excluídos da versão pessoísta da história de Ilhéus, a lavoura cacauzeira ainda

no século XIX e o papel desempenhado por fazendeiros, comerciantes, como também índios e negros. Processos de exclusão que se dão através do silenciamento que está presente nas duas FDs.

Essa tematização Amadiana, além de enquadrar a história do município de Ilhéus numa perspectiva atrelada aos representantes das classes dominantes, deixa de fora diversos outros recursos que poderiam ser aproveitados pelo turismo. A idéia de desenvolver um turismo cultural em Ilhéus que só perpassasse as obras do autor limita as possibilidades latentes que tem o município.

A partir do que foi exposto, é possível resumir os aspectos que tornam a FD Amadiana hegemônica com relação à Não-amadiana através do quadro a seguir:

A hegemonia da FD Amadiana é marcada por:
<ul style="list-style-type: none"> • Maior quantidade de enunciados Amadianos, embora a quantidade de elementos Não-Amadianos seja maior. • FD Amadiana opera uma tematização da cultura do cacau, embora a referência à “época de ouro do cacau” seja um princípio que atravessa as duas FDs. • Nos momentos de cooperação entre as duas FDs, a FD Amadiana é apresentada com maior destaque através de recursos imagéticos e textuais, enquanto os atrativos da FD Não-Amadiana assumem a função de complementar o roteiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o discurso é um exercício de desconstrução. Desestabiliza-se o dito, retira-se a evidência de seus sentidos cristalizados e sustentados pelo senso comum. Ao tratarmos dos discursos sobre o Patrimônio de Ilhéus, através da AD, optamos por um caminho que não buscou mostrar a importância do Patrimônio para o turismo ou para a população local, como se esses bens emanassem poder pelo que são e somente nos restasse celebrá-los. Buscamos, pois, compreender alguns aspectos do discurso que dão sentidos a estes bens na promoção turística de Ilhéus em *sites* de turismo.

Primeiramente, procuramos desnaturalizar a noção de patrimônio, elucidando sua construção discursiva e os diversos sentidos que pode assumir. Tendo em mente que estes são sempre símbolos selecionados e valorizados por grupos específicos com finalidades específicas, podemos caracterizar esse campo como uma formação ideológica, na qual coabitam formações discursivas que vão mobilizar sentidos diversos aos bens ditos patrimoniais.

A identificação das FDs Amadiana e Não-Amadiana e o levantamento de seus princípios norteou o trabalho, na medida em que elucidou as relações de sentidos presentes no discurso. Partindo da perspectiva das FDs, foi-nos possível questionar as evidências com que se apresentavam os sentidos dos objetos patrimoniais de

Ilhéus, demonstrando as relações de força e interesses que estão inscritas historicamente em tais representações do passado e da cultura do município.

Ao reiterar a importância de Jorge Amado para a cidade de Ilhéus, a FD Amadiana presente em *sites* de turismo, participa e se aproveita do processo de valorização simbólica de Jorge Amado e suas obras, em especial *Gabriela Cravo e Canela*. Os bens patrimoniais presentes na FD Amadiana, pertencem ao universo narrativo da obra citada, que embora sejam cenários de uma narrativa ficcional, são apresentados como representantes de uma época específica, onde se viveu *opulência dos anos majestosos do “ouro negro”*.

Jorge Amado, ao se tornar mundialmente conhecido através das suas obras levou consigo o imaginário de Ilhéus. As releituras de suas obras através de novelas e filmes tornaram, ainda mais, os elementos do universo amadiano as principais referências de Ilhéus conhecidas em diversas partes do Brasil e do mundo. Nesse sentido, a propaganda turística de Ilhéus na *internet* vai participar do processo de valorização simbólica do autor e dos seus personagens, utilizando-se de Jorge Amado como o personagem mais marcante, que assume o carro chefe da divulgação de Ilhéus.

Dentre as diversas obras de Jorge Amado sobre a saga do cacau, a escolha de *Gabriela*, embora tenha sido influenciada pela ampla divulgação que recebeu através das adaptações que ganhou, é marcada ideologicamente pela perspectiva dos coronéis do cacau, ou seja, da classe social que dominou a região durante o século passado. Outros livros como *Cacau e Terras do sem fim*, nos quais Jorge Amado, ainda comunista, dá ênfase às diferenças entre coronéis e miseráveis, onde Ilhéus é narrada como ‘simultaneamente rica e miserável, paraíso dos chamados

“coronéis do cacau”, inferno dos camponeses suarentos e esfarrapados’ (Fundação casa de Jorge Amado) não contribuem na valorização do Patrimônio ilheense.

No mercado competitivo do turismo, a publicidade de Ilhéus vai se utilizar de imagens mais conhecidas da cidade para criar uma identidade na disputa global do turismo, desde que essas imagens forjem uma identidade sem conflitos históricos. Na medida em que se busca o reconhecimento das singularidades do local, estas referências precisam ser conhecidas pelo maior número de pessoas, e *Gabriela Cravo e Canela* assume esse papel, marcando fortemente políticas públicas para o setor turístico do município. Aqui, como se vê, o tratamento que se dá ao Patrimônio tem um forte viés utilitário, ligado ao consumo visual de tais bens. Pouco importa se existem distorções nas representações elaboradas sobre estes elementos, bem como se os benefícios provenientes da sua exploração sejam experimentados por um maior número de pessoas e não fique restrito a um pequeno grupo.

Porém, Jorge Amado não é a única referência que legitima os bens patrimoniais de Ilhéus. O que chamamos de FD Não-Amadiana também participa do processo de escolha e valorização do Patrimônio de Ilhéus. Os elementos que não fazem referência ao universo narrado pelo autor vão ter seus valores atrelados à idéia de contemplação do belo e do histórico. O sentido contemplativo que cruza a formação discursiva Não-Amadiana pode ser percebido nas referências aos estilos arquitetônicos das igrejas e construções, e nas alusões às idéias de paisagem e beleza. As noções de arte e história vão ser articuladas nos enunciados, que vão invocar o valor artístico através da menção do estilo arquitetônico e o valor histórico, através de datas e personagens históricos.

Porém, semelhante ao que acontece na FD Amadiana, não existe questionamentos ou relatos dos processos de constituição dos elementos,

ocorrendo uma naturalização dos significados, como se fossem intrínsecos aos objetos e não frutos de processos. Essa naturalização dos significados ocorre a custa do objetivo pragmático de venda do produto turístico de Ilhéus, implicando, por outro lado, no silenciamento de importantes acontecimentos históricos, e de grupos que fizeram e fazem parte da constituição da história e cultura da região.

As duas formações discursivas analisadas mantêm uma relação de aliança no silenciamento de períodos históricos anteriores à cultura do cacau, bem como dos atores sociais que participaram da formação do município. O Patrimônio de Ilhéus que ilustra a promoção turística corrobora com uma versão histórica limitada do município. Essa versão prioriza a história do município a partir da cultura do cacau, importante período da história regional, mas não o único.

Tomando como base o discurso científico sobre a história de Ilhéus, percebemos que a versão histórica difundida pelo discurso sobre o patrimônio de Ilhéus em *sites* de turismo silencia alguns atores sociais, como índios e negros, e outros períodos históricos, que foram importantes na formação regional. Importantes fatos históricos que contribuíram para a constituição de lugares são silenciados, como é o caso da formação de Olivença e as revoltas de escravos ocorridas no Engenho de Santana. Esse é um processo inconsciente que materializa as relações de poder nos discursos, revelando as desigualdades que constituem os processos de legitimação de Patrimônios por parte do Estado, além de desperdiçar potenciais turísticos do município.

Por fim, a análise operada na presente dissertação abre a possibilidade de pensar a ampliação de bens patrimoniais no município de Ilhéus, tanto pensando no desenvolvimento da atividade turística, como também na ampliação das referências históricas. Tal ação necessita de investimentos financeiros e também simbólicos. A

dominância da FD Amadiana e o foco na cultura do cacau resumem a história de Ilhéus, que embora comece em 1534, tem seus marcos que representam o passado pouco mais de cem anos. Além de apagar ideologicamente outras importantes referências do município, desperdiça potenciais latentes para a exploração do turismo histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

AIDAR PRADO, José Luiz (org). **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massas às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

ALMEIDA G. W. **Estado, televisão e construção de identidade na Bahia**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt09/art-gt09.html> Acesso em 28 de dezembro de 2000.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Presença, Lisboa, 1974.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

AVIGHI, Carlos Marcos. Turismo, Globalização e Cultura in: LAGE, Beatriz Helena Gelas. MILONE, Paulo César (org). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

BAHIA. Secretaria de Industria, Comercio e Turismo. **IPAC**- Inventário de Proteção do acervo Cultural, monumentos e sítios do Litoral Sul. Salvador, 1988.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANCDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarita. (orgs.) **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BARROCO, Helio Estrela. Retrospectiva e prospectiva para a micro-região Ilhéus/Itabuna. **Especiarias**. Ilhéus: Editus, ano 1, no. 1, 1998. p 155-170.

BARACUHY, Regina. “A Propaganda Turística é um Gênero de Discuso?”. In: Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. **Revista do GELNE**. Vol. 6 – Nº 1. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 153-166.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENI, Mário Carlos **Análise estrutural do turismo**. 2 ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrizi. **Planejamento turístico municipal com suporte em sistemas de informação**. São Paulo: Futura, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4 ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.

CAMURCA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI JR., Oswaldo. **Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG)**. *Horiz. antropol.* [online]. Oct. 2003, 9, 20, p.225-247. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200012&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-7183. Acesso em 20 de maio de 2006

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CASTELLS Manuel **A galáxia da internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____ **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Marianne C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (orgs.). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Albano, 2000, p. 11-19.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

COMUNIDADE TUPINAMBÁ, **Índios na visão dos índios Tupinambá**. Salvador: Sebastián Gerlic (Thydewá), 2003.

COOPER, Chris. et al. O impacto sociocultural do turismo. In: COOPER, Chris et al (org). **Turismo**: princípios e prática. Trad. Roberto Cataldo Costa – 2 ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001. p.201-217.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **Do local ao global**: o turismo litorâneo cearense. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____ **Epistemologia da análise do discurso no turismo**. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/16/coriolano/coriolano.htm>> Caderno Virtual do turismo ISSN: 1677-6976. Acesso em: 21 set. 2005.

COSTA, Sérgio. Do simulacro e do discurso: esfera pública, meios de comunicação de massa e sociedade civil. In: **Comunicação e política**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p117-136, 1997.

DAVALLON, Jean. Imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre. [et al] **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999. p.23-37.

DÉBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DÓRIA, Maria Alice Accioly. **Oliveira**: uma estância hidromineral?, 2003, 147 f. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

ENTREVISTA com Jabes Ribeiro. **A Região**, Itabuna, p.4-5, 30.jun.2002

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁGIZI, Eduardo; CARLOS, Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FILHO, Pedro Nunes. **Processos de significação**: hipermídia, ciberespaço e publicações digitais. Disponível em: <www.ipv.pt/forumedia/6/8.pdf>. Acesso em 03 dez. 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN-MINC, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitaria , 2002 .

FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo**: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul, Ilhéus 1534-1940. Ilhéus: Editus, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GRANGEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. **A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux**. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/claudiagrangoiro.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2006.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 2002.

GUATARRI, Felix. Cultura: um conceito reacionário?. In: GUATARRI, F. ROLNIK, A. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996, p.15-24.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira , 1999.

IPAC – BA – Inventário de proteção do acervo cultural: monumentos e sítios do Litoral Sul. Salvador, 1988.

KENSKI, Rafael. O Mundo Google. In: **Revista Super Interessante**, São Paulo, Edição 201, Julho 2004. p. 54-63.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César (org). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LEMOS, André. Aspectos da Cibercultura. In: AIDAR PRADO, José Luiz (org). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massas às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: GUIMARÃES, César; JÚNIOR, Chico (org). **Informação e democracia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

LYSARDO-DIAS, D. **Discurso publicitário: dialogismo e heterogeneidade**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

MACEDO, Janete Ruiz de. RIBEIRO, André Luís Rosa. **Ilhéus: tempo, cultura e espaço**. Itabuna: Gráfica Editorial Agora, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARCUSCHI L. A.; XAVIER A. C. (orgs). **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MENESES, U. T. B. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁGIZI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani; CRUZ, Rita de Cássia. (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 88-99.

MENEZES, Juliana Santos. **O Turismo cultural como fator de desenvolvimento na cidade de Ilhéus**. Disponível em: <[http:// alpha.uesc.Br/icer/home.htm](http://alpha.uesc.br/icer/home.htm)>. Acesso em: 24 jul. 2004 a.

MENEZES, Juliana Santos. **Da literatura ao turismo: o caso do Quarteirão Jorge Amado**, 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2004 b.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOTTA, Lia. A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, Antônio (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p.256-287.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Sobre tipologia do discurso. In: **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 217-238.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Mapeamento semântico do turismo sustentável**: arquitetando um novo país. Disponível em: Boletim técnico do SENAC <<http://www.senac.br/informativo/bts/index.asp>>. Acesso em: 08 dez. 2004.

PÊUCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2 ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.

PELLEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.

PERALTA, Elsa. O mar por tradição: o patrimônio e a construção das imagens do turismo. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 83-96, 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação & Discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PINTO, Roque. Dos frutos de ouro às hordas douradas: turismo, grupos de status e estilos de vida em Ilhéus, Brasil. In: Pasos, **Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, vol. 3, nº1, p. 189-197, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p.200-215, 1992.

QUEIROZ, L. Ilhéus – O pólo turístico da Região do Cacau. In: **BAHIA ANÁLISE & DADOS**. Salvador, SEI, v.11, n.2 p.27, 31 mar. 1993.

REVISTA ILHÉUS 2001. **A tecnópolis do futuro**: Jorge Amado de Ilhéus. Ilhéus: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Ilhéus, 2001. Ano 3. n. 3. Capa: Jorge Amado.

REVISTA ILHÉUS 2002. **Terra de Jorge Amado**. Ilhéus: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Ilhéus, 2002. Ano 4. n. 4. Capa: Palácio Paranaguá.

REVISTA ILHÉUS 2003. **Patrimônio histórico do Brasil**. Ilhéus: Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Ilhéus, 2003. Ano 5. n. 5. Capa: Capela de Nossa Senhora de Santana.

RIBEIRO, André. Economia, sociedade e poder em São Jorge dos Ilhéus. In: **O município de São Jorge dos Ilhéus: família, território e poder (1880-1912)**. 1999. Monografia (Especialização em História Regional). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 1999.

RIBEIRO, A. L. R. **Família, poder e mito: o município de São Jorge dos Ilhéus (1880-1912)**. Ilhéus: Editus, 2001.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática**. Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001a.

_____ **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2001b.

_____ **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004 c.

SANTANA M. Patrimônio, turismo e identidade cultural. **BAHIA ANÁLISE & DADOS** Salvador –BA, SEI, v.11, n.2, p.169-173, set. 2001.

SANTOS, Rafael José dos. Antropologia, comunicação e turismo: a mediação do espaço turístico em uma comunidade de pescadores em Laguna, SC. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre. Anais...São Paulo: Intercom, 2004.

SERRANI, Silvana M. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. Campinas: UNICAMP, 1997.

SIMÕES, M.L. N. De Leitor a Turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 6, Belo Horizonte: ABRALIC, 2002, p. 177 – 183.

SOUZA, Mailane Vinhas de. **Uma abordagem dos atrativos turístico-culturais do município de Ilhéus-BA, 2002**. Monografia (Especialização em Economia de Empresas) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2002.

THEODORO, Janice. Memória e esquecimento: nos limites da narrativa. In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1998, p.61-74.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução: Carmen Grisci [et al.]. Petropolis, RJ : Vozes, 1995.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel: 2001.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico receptivo e emissor**: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados. São Paulo: Pioneira, 1999 .

VOISIN, Jane Kátia. **Comunicação turística, memória, identidade**: uma proposta de abordagem e dois casos (Ilhéus-Bahia e La Rochelle-França). Disponível em: <[http:// alpha.uesc.br/icer/home.htm](http://alpha.uesc.br/icer/home.htm)>. Acesso em: julho de 2004.